



ANO 8 - NÚMERO 97 - NOV 2022

Xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$ 15

VITÓRIA:

A HISTÓRIA NÃO SE RESIGNA

BIODIVERSIDADE
Os seres das águas

p. 15

ECOLOGIA
Das pitombas às
uvas finas

p. 22

UNIVERSO FEMININO
Janja, a amada de Lula

p. 49

p. 08

#SomosTodosCaixa



**O Pessoal da Caixa abre os braços
pra junto com o povo brasileiro fazer este país**

Campanha da FENAE em defesa da Caixa pública e social
e da valorização do Pessoal da Caixa

Faça pa
e



A Caixa está presente na vida dos brasileiros. Defender o banco e a valorização dos seus empregados é essencial para a instituição continuar pública e à serviço da população.

Esse é o propósito da campanha **#SomosTodosCaixa**. Nossa maior meta é restaurar a democracia e reconstruir o Brasil, com a Caixa pública atuando no desenvolvimento social e econômico. **#SomosTodosCaixa** é a vontade dos empregados da Caixa por um Brasil público e social.



parte deste movimento, acesse
saiba mais. Aponte a câmera
do celular para o QR Code



www.fenae.org.br/somostodoscaixa

“ **Ninguém é mais feliz que você e eu.** ”

Janja Lula

COLABORADORES/AS - NOVEMBRO

Altair Sales Barbosa – Arqueólogo. Bia de Lima – Pedagoga. Cícero Pedrosa Neto – Jornalista. Cleiton Santos Silva – Sindicalista. Denise Assis – Jornalista. Emiliano José – Escritor. Emir Sader – Sociólogo. Gilney Viana – Ambientalista. Iêda Leal – Professora. Janaina Faustino – Gestora Ambiental. José Bessa Freire – Professor. Joseph Weiss – Economista. Leonardo Boff – Ecoteólogo. Ludmylla Morais – Professora. Lúcia Resende – Professora. Kleyton Morais – Sindicalista. Manuela Carneiro da Cunha – Antropóloga. Maria Maia – Poeta. Mauricio Falavigna – Jornalista. Mauro Almeida – Antropólogo. Pedro Tierra – Poeta. Thiago Pádua – Advogado. Zezé Weiss – Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

Jaime Sautchuk – Jornalista (*in memoriam*).

Zezé Weiss – Jornalista. Ailton Krenak – Escritor. Altair Sales Barbosa – Arqueólogo. Ana Paula Sabino – Jornalista. Andréa Luisa Teixeira – Professora. Andrea Matos – Sindicalista. Ângela Mendes – Ambientalista. Antenor Pinheiro – Jornalista. Binho Marques – Professor. Cleiton Silva – Sindicalista. Eduardo Meirelles – Jornalista. Elson Martins – Jornalista. Emir Bocchino – Arte finalista e Diagramador. Emir Sader – Sociólogo. Gomercindo Rodrigues – Advogado. Graça Fleury – Socióloga. Hamilton Pereira da Silva (Pedro Tierra) – Poeta. Iêda Leal – Educadora. Iêda Vilas-Bôas – Escritora (*in memoriam*). Iolanda Rocha – Professora. Jacy Afonso – Sindicalista. Jair Pedro Ferreira – Sindicalista. José Ribamar Bessa Freire – Escritor. Júlia Feitoza Dias – Historiadora. Kleyton Morais – Sindicalista. Kretã Kaingang – Líder Indígena. Lucélia Santos – Atriz. Lúcia Resende – Revisora. Maria Maia – Cineasta. Rosilene Corrêa Lima – Jornalista. Samuel Pinheiro Guimarães Neto – Diplomata. Trajano Jardim – Jornalista.



CONSELHO GESTOR

Agamenon Torres Viana – Sindicalista. Eduardo Pereira – Produtor Cultural. Janaina Faustino – Gestora Ambiental. Joseph Weiss – Economista.

Faltava pouco para as 8 da noite do dia 30 de outubro quando o Brasil da Esperança soltou o grito engasgado na garganta desde o golpe de 2016. Luiz Inácio Lula da Silva acabava de ser eleito presidente do Brasil, pela terceira vez, com mais de 60 milhões de votos.

É sobre essa vitória do amor sobre ódio, sobre a luta de um povo que não se curva e de uma história que não se resigna, que trata a matéria de capa desta nossa Xapuri 97, edição de novembro, escrita por Pedro Tierra e Thiago Pádua, no calor da vitória da civilização sobre a barbárie, nesta primavera de sonhos eivados de desafios.

Nas demais páginas, o tema recorre, de modo a trazer a você uma mostra da expectativa e da esperança de nossa gente, expressa por nossos colaboradores e colaboradoras.

Esta é, portanto, uma edição especial, com muito da história recente do nosso país. Celebremos!



Zezé Weiss – Editora

Jaime Sautchuk – Editor (*in memoriam*)

EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-V: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental - Comunicação de Resistência Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 - Setor Village - Caixa Postal 59 - CEP: 73.814.-500 - Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 9 8135 6822. Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: 5.000 exemplares. Circulação: Revista Impressa - Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info. Distribuição - Revista Impressa: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.





Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

Incrível a qualidade das camisetas Xapuri. Estou encantada!

Nathália Santiago - Brasília - DF

Matéria extremamente necessária sobre a ampliação da bancada feminina no Congresso, publicada na edição de outubro. Parabéns!

Flávia Maria Costa - Goiânia - GO

Adorei meu colar, que chegou rapidinho aqui na Bahia!

Mirian Souto - Acajutiba - BA



Revista Xapuri

Imagem do mês

@revistaxapuri

@emirbocchino

Marque suas melhores fotos do
Instagram com a hashtag

#revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!

Xapuri 97

SOCIOAMBIENTAL NOV 22

08 **CAPA**
Vitória: A História não se resigna

20 **CONSCIÊNCIA NEGRA**
Por um Brasil sem racismo

15 **BIODIVERSIDADE**
Os seres das águas

22 **ECOLOGIA**
Das pitombas às uvas finas

18 **CONJUNTURA**
O retorno da democracia no Brasil

24 **COMPORTEAMENTO**
Rei morto, rei posto

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: “Rio antes”, ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

26 **HOMENAGEM**
Resistência vai morar no Alvorada!

28 **MEMÓRIA**
Lula e Madiba: Nelson Mandela e Luiz Inácio, tudo a ver

31 **GASTRONOMIA**
Rabada: o prato preferido de Lula

32 **HISTÓRIA SOCIAL**
Tiros no Lula: a pintura irremovível

34 **MEIO AMBIENTE**
Lula na COP 27: protagonismo ambiental e desmatamento zero

37 **LITERATURA**
Lula é nossa vitória
nossa maior glória

40 **RESISTÊNCIA INDÍGENA**
A corrida dos Munduruku para votar em Lula: “A gente não podia perder um voto sequer, nem um votinho”

43 **MITOS E LENDAS**
Lula

46 **SUSTENTABILIDADE**
Um justo entre as nações

49 **UNIVERSO FEMININO**
Janja, a amada de Lula



CAPA



Foto: Ricardo Stuckert

VITÓRIA:

A HISTÓRIA NÃO SE RESIGNA

Hamilton Pereira (Pedro Tierra) e Thiago Pádua

Meus amigos e minhas amigas: Chegamos ao final de uma das mais importantes eleições da nossa história. Uma eleição que colocou frente a frente dois projetos opostos de país, e que hoje tem um único e grande vencedor: o povo brasileiro.

Esta não é uma vitória minha, nem do PT, nem dos partidos que me apoiaram nessa campanha. É a vitória de um imenso movimento democrático que se formou, acima dos partidos políticos, dos interesses pessoais e das ideologias, para que a democracia saísse vencedora.

Neste 30 de outubro histórico, a maioria do povo brasileiro deixou bem claro que deseja mais – e não menos democracia.

Deseja mais – e não menos inclusão social e oportunidades para todos. Deseja mais – e não menos respeito e entendimento entre os brasileiros. Em suma, deseja mais – e não menos liberdade, igualdade e fraternidade em nosso país.

O povo brasileiro mostrou hoje que deseja mais do que exercer o direito sagrado de escolher quem vai governar a sua vida. Ele quer participar ativamente das decisões do governo.

O povo brasileiro mostrou hoje que deseja mais do que o direito de apenas protestar que está com fome, que não há emprego, que o seu salário é insuficiente para

viver com dignidade, que não tem acesso a saúde e educação, que lhe falta um teto para viver e criar seus filhos em segurança, que não há nenhuma perspectiva de futuro.

O povo brasileiro quer viver bem, comer bem, morar bem. Quer um bom emprego, um salário reajustado sempre acima da inflação, quer ter saúde e educação públicas de qualidade.

Quer liberdade religiosa. Quer livros em vez de armas. Quer ir ao teatro, ver cinema, ter acesso a todos os bens culturais, porque a cultura alimenta nossa alma.

O povo brasileiro quer ter de volta a esperança.

É assim que eu entendo a democracia. Não apenas como uma palavra bonita inscrita na Lei, mas como algo palpável, que sentimos na pele, e que podemos construir no dia a dia.

Foi essa democracia, no sentido mais amplo do termo, que o povo brasileiro escolheu hoje nas urnas. Foi com essa democracia – real, concreta – que nós assumimos o compromisso ao longo de toda a nossa campanha.

E é essa democracia que nós vamos buscar construir a cada dia do nosso governo. Com crescimento econômico repartido entre toda a população, porque é assim que a economia deve fun-

cionar – como instrumento para melhorar a vida de todos, e não para perpetuar desigualdades.

A roda da economia vai voltar a girar, com geração de empregos, valorização dos salários e renegociação das dívidas das famílias que perderam seu poder de compra.

A roda da economia vai voltar a girar com os pobres fazendo parte do orçamento. Com apoio aos pequenos e médios produtores rurais, responsáveis por 70% dos alimentos que chegam às nossas mesas.

Com todos os incentivos possíveis aos micros e pequenos empreendedores, para que eles possam colocar seu extraordinário potencial criativo a serviço do desenvolvimento do país.

É preciso ir além. Fortalecer as políticas de combate à violência contra as mulheres, e garantir que elas ganhem o mesmo salário que os homens no exercício de igual função.

Enfrentar sem tréguas o racismo, o preconceito e a discriminação, para que brancos, negros e indígenas tenham os mesmos direitos e oportunidades.

Só assim seremos capazes de construir um país de todos. Um Brasil igualitário, cuja prioridade sejam as pessoas que mais precisam.

Um Brasil com paz, democracia e oportunidades.

(Discurso de Lula ao agradecer o povo brasileiro por sua vitória histórica nas eleições de 30 de outubro de 2022)



Foto: Divulgação/ André Penner/AP

Certos fatos concentram em si mesmos a capacidade simbólica de sintetizar processos históricos que os precederam e lhes deram forma. Podem lançar sobre eles uma luz nova, revelar dimensões ocultas e ressignificá-los sob o olhar das gerações seguintes dispostas a apropriar-se deles como experiências para as disputas sociais futuras.

A eleição de Lula neste outubro de 2022 carrega consigo esse potencial. Sintetiza o processo de décadas de lutas das classes trabalhadoras brasileiras por uma sociedade que não seja sustentada sobre as desigualdades criminosas que conhecemos e confirma uma perspectiva de retomada do desenvolvimento a partir da reconstrução de sólidos alicerces democrático-populares, com inclusão social, tolerância, sustentabilidade e soberania.

Essa vitória popular maiúscula que pode projetar uma virada

pós-neoliberal no continente, nos permite compreender melhor, auxiliados já pela distância temporal, pela identificação de fatores aparentemente fortuitos e pelos nexos objetivos revelados entre eles, o desfecho do Golpe de 2016 contra a presidenta legítima Dilma Rousseff.

A sucessão dos acontecimentos, desde então, e seu desfecho neste outubro de 2022, deixa claro que o golpe judicial-midiático-parlamentar se constituiu numa grave ruptura do processo institucional, nos marcos da democracia liberal em curso desde a promulgação da Carta de 1988, em favor dos segmentos mais ricos da sociedade, inconformados com as sucessivas derrotas eleitorais, a partir de 2002.

A vigência, ainda que limitada, da chamada Constituição Cidadã, abriu espaço, ao longo das últimas décadas, para viabilizar experiências políticas inovadoras, participativas em municípios, estados e, a partir de 2003, também em

âmbito nacional, lideradas por uma ampla composição política identificada com os setores populares.

Tal estratégia de ruptura posta em andamento a partir das manifestações de 2013, e cujo desfecho se deu em 31 de agosto de 2016, foi precedida de movimentos que corresponderam objetivamente aos interesses de grandes investidores estrangeiros, sobretudo norte-americanos, no marco das "revoluções coloridas", expressão tática da estratégia mais ampla das "mudanças de regime" protagonizadas pelo Departamento de Estado em diferentes regiões do mundo para estabelecer ou recuperar o controle sobre fontes de energia.

No caso brasileiro, tal estratégia objetivava recuperar o controle sobre a exploração das imensas jazidas descobertas em 2007 no pré-sal, para apropriar-se da renda-petróleo, fonte indispensável de financiamento de qualquer

projeto de desenvolvimento duradouro e autônomo para um país das dimensões do Brasil.

Aqueles investidores foram apoiados internamente com entusiasmo por seus associados nacionais, nas camadas sociais situadas “no andar de cima”, no solar da casa-grande. Estavam, estes, inconformados com as políticas dos governos populares voltadas para ampliar a possibilidade de participação política da cidadania e, não menos importante, o acesso democrático, por meio de políticas de inclusão social, à renda e à riqueza produzidas por uma das sociedades mais desiguais do mundo.

O Brasil ensaiava, naquele momento, passos tardios, mas significativos, no sentido de superar a fratura social herdada da colônia e da chaga da escravidão que historicamente nos caracteriza.

Como se estivessem seguindo um roteiro informal descrito no livro *Como as Democracias Morrem* (Lewitski e Ziblat, Ed. Saraiva), o conservadorismo brasileiro começou a mover-se, por dentro das instituições, depois de quatro derrotas eleitorais consecutivas, dentro dos marcos da democracia liberal da Carta de 1988, para levar ao colapso o sistema político por ela pactuado.

Era necessário destruir o principal suporte daquela experiência de inclusão social em larga escala: o Partido dos Trabalhadores. A história se encarregou de frustrar esse objetivo. O PT resistiu. Foi um dos poucos partidos que sobreviveram com identidade definida ao colapso do sistema político.

Um déficit histórico do parlamento brasileiro no cumprimento de suas funções institucionais, uma renúncia sistemática a enfrentar temas espinhosos, mas sensíveis para a sociedade (demarcação das terras indígenas, emendas de relator ao orçamento, orçamento secreto, descriminalização do aborto, casamento entre pessoas do mesmo sexo, descriminalização

da maconha etc.), abriu caminho para um atalho: recorrer ao STF para dirimir questões de competência precípua do Legislativo.

Esse recurso cada vez mais assíduo produziu inicialmente uma distorção nas relações entre os poderes definida pela expressão “judicialização da política”. O que fez do Judiciário uma espécie de poder tutelar sobre os demais poderes e fatalmente engendrou sua contraface: a “politização da justiça”, com o STF cumprindo seu papel histórico de cidadela de defesa do conservadorismo.

Em 2015 vimos a aprovação da Emenda Constitucional No 88, que elevou de 70 para 75 anos a idade para a aposentadoria compulsória dos ministros do Supremo Tribunal Federal. A emenda, definida como a “PEC da Bengala” foi noticiada pelos jornais como a norma que retirou de Dilma Rousseff a possibilidade de “indicar cinco ministros para o Supremo”, para que a então mandatária, mais tarde golpeada por uma conspiração, não indicasse os próximos juizes da Suprema Corte em substituição aos ministros Celso de Mello com aposentadoria prevista para novembro de 2015; Ricardo Lewandowski, maio de 2018; Teori Zavascki, agosto de 2018, e Rosa Weber, outubro de 2018.

Todos tiveram sua continuidade no STF prorrogada, exceto o ministro Zavascki, que faleceria num misterioso acidente aéreo pouco depois de ter repreendido publicamente o então todo-poderoso juiz Sérgio Moro, da 13ª Vara de Curitiba, líder da ruidosa operação Lava Jato, pelos atropelos cometidos contra o processo penal e o Estado Democrático de Direito, e seria substituído pelo ministro Alexandre de Moraes.

É possível afirmar que a operação Lava Jato durante certo período de sua vigência – apoiada fortemente pela mídia corporativa – sequestrou setores do Judiciário brasileiro com seu discurso anticorrupção,

mais tarde desmoralizado de forma cabal pelos fatos.

O senador Romero Jucá (MDB-RR), uma das inteligências mais agudas e inescrupulosas a serviço das oligarquias brasileiras, ofereceu ao país, num diálogo com o empresário Sérgio Machado, amplamente divulgado pela imprensa à época, a fórmula que sintetizou o arranjo político-institucional que seria utilizado pelos segmentos conservadores da sociedade, para provocar a ruptura do regime quando o aparato dos órgãos de controle ameaçava perigosamente alcançar suas relações promíscuas com o Estado.

Era necessário afastar Dilma Rousseff da Presidência:

“É preciso estancar a sangria” (Romero Jucá); *“É um acordo, botar o Michel (Temer), num grande acordo nacional”* (Sérgio Machado); *“Com o Supremo com tudo”* (Romero Jucá).

Dilma foi golpeada. Michel Temer ascendeu ao poder pela porta dos fundos para “estancar a sangria”. E o STF chancelou o golpe: naquele comentário Romero Jucá foi profeta. Um profeta que se empenhou em construir minuciosamente a própria profecia...

A sessão da ignomínia liderada pelo presidente da Câmara, deputado Eduardo Cunha, em 17 de abril de 2016, consumou o drama: a primeira mulher eleita presidenta do Brasil foi afastada por um golpe institucional, midiático-judicial-parlamentar, chancelado pela Corte Suprema.

Esse foi o resultado de uma operação criminosa, movida contra um governo legítimo, pelo conluio flagrado de forma irresponsável pela ação do cidadão Walter Delgatti, o “*hacker de Araraquara*”, e mais tarde reconhecido pelo próprio Judiciário, entre setores do Ministério Público e a 13ª. Vara de Curitiba, conduzida por Sérgio Moro: a operação Lava Jato.

Uma operação cinematográfica liderada pela dobradinha Moro/Dallagnol, auxiliada por uma

falange de intocáveis ao estilo “Chicago Anos 30” composta, entre outros, pelos procuradores Januário Paludo, Carlos Fernando Santos Lima, Antônio Carlos Welter, Orlando Martelo Júnior, Diogo Castor de Matos, entre outros nomes apaniguados pelo Procurador-Geral da República Rodrigo Janot. Nomes que, por todos os motivos, não merecem a injustiça de serem esquecidos pela sociedade brasileira...

A disseminação do que poderíamos definir como uma “cultura lavajatista”, voltada para criminalizar a atividade política no país, estimulada diariamente pela imprensa corporativa, ousou pôr em xeque o Estado Democrático de Direito, expor o sistema Judiciário a uma sequência de vexames, abrir caminho para a emergência de um Estado Policial – uma espécie original de República dos Procuradores – e, em seguida, culminar com a instalação de um governo com características neofascistas no país.

Nada mais emblemático dessa catástrofe judicial do que a decisão emitida por unanimidade pelos desembargadores Gebran Neto, Thompson Flores e Leandro Paulsen, do TRF 4, condenando Lula a dezessete anos, um mês e dez dias de reclusão, para impedi-lo de concorrer nas eleições presidenciais que se aproximavam.

E a assunção posterior de um homem medíocre, o juiz Sérgio Moro à condição de super-ministro da Justiça do governo neofascista que ajudou a eleger e tomou posse em janeiro daquele ano. Uma retribuição pelos serviços prestados.

A prisão de Lula em 7 de abril de 2018 e sua permanência por 580 dias nas dependências da Polícia Federal, em Curitiba, constituiu-se no corolário indispensável do golpe de estado de 2016, que interrompeu o quarto mandato consecutivo dos setores populares, ao afastar a presidenta legítima Dilma Rousseff.

Naquele momento de luto para as forças democráticas do país, as elites conservadoras sentiram-se com força suficiente para

afastar Lula, líder em todas as pesquisas de opinião, da disputa presidencial de 2018, assegurar a vigência das políticas neoliberais regressivas conduzidas por Temer e tentar abrir caminho para uma candidatura de direita capaz de legitimá-las pelo voto.

O resultado foi o que conhecemos: no embate eleitoral a direita convencional, que conduziu o golpe, acabou por curvar-se à liderança da extrema-direita que tomou para si o programa neoliberal radical e se afirmou como alternativa viável para vencer inicialmente um adversário que se encontrava ilegalmente preso – o ex-presidente Lula – e, no final do processo, seu substituto, o ex-prefeito de São Paulo, Fernando Haddad.

Em síntese, a direita liberal, tal como a conhecíamos desde a Constituição de 1988, não vacilou em voltar-se contra ela e erguer o palanque para a vitória da aventura neofascista, liderada por um energúmeno, aninhado há quase três décadas no submundo do sistema político.

Para fazer justiça ao povo brasileiro, frequentemente exposto como politicamente atrasado ou mesmo despido de consciência política, recorde-se que, mesmo vendo seu principal líder achincalhado, encarcerado e impedido arbitrariamente de disputar as eleições, respaldou seu substituto, o professor Fernando Haddad, no segundo turno com 47.038.963 votos, correspondentes a 44,87% do total.

A sociedade brasileira estava se dando conta da dimensão do pesadelo em que fora mergulhada pelos construtores da falaciosa “ponte para o futuro” anunciada por Temer desde o golpe de Estado de 2016.

A partir da posse do novo mandatário, em janeiro de 2019, ladeado por dois superministros – Paulo Guedes e Sérgio Moro –, o país passou a ser governado pela crise. A perspectiva anunciada pelo energúmeno com a frase “*Eu não venho para construir nada. Eu*

venho para destruir”, antecipou a política de terra arrasada que se seguiria nas diferentes áreas do governo até a colheita do desastre deste segundo semestre de 2022.

O país, tomado pelo espanto, tornou-se expectador de ameaças semanais ao sistema democrático, do aprofundamento daquele programa econômico neoliberal herdado do governo golpista de Michel Temer, da desconstrução agressiva do sistema educacional, de cultura, de saúde pública (SUS), de assistência social, das políticas ambientais, do acúmulo qualificado e reconhecido do que foi, ao longo do século, a política de relações exteriores, entregue naquele momento a um homúnculo idiotizado pelo fanatismo.

Em março de 2020 fomos tragados pela pandemia da Covid-19, como todo o mundo. Não precisamente como todo mundo. A incúria, a insensibilidade, a incompetência e a corrupção no Ministério da Saúde do governo neofascista fizeram com que o Brasil, um país cuja população soma algo como 2,7% dos habitantes do planeta, alcançasse 13% do total de óbitos causados pela pandemia. Mais de 685 mil mortos. A maior tragédia sanitária da nossa história. Essa condução criminoso produziu uma erosão insuperável na base social e política do governo. E lhe custou acusações de crimes contra a humanidade em tribunais internacionais.

A libertação de Lula em 8/11/19, a partir da mudança de entendimento do STF sobre a prisão em segunda instância; o reconhecimento da Suprema Corte, em decisão do ministro Edson Fachin, em 8 de março de 2021, da incompetência da 13ª Vara de Curitiba para julgar Lula e a subsequente decisão de reconhecer a parcialidade do Juiz Moro na condução dos processos, iniciativa do ministro Gilmar Mendes, levaram à nulidade das sentenças emitidas pelo então magistrado e ao re-



Foto: Twitter @LulaOficial

conhecimento público da maior farsa já registrada no sistema judicial brasileiro.

Lula volta ao cenário da disputa eleitoral: a segunda-feira, 8 de março de 2021, nos permitirá compreender melhor o significado do fatídico 7 de abril de 2018. Naquela data, Lula não buscou refúgio na embaixada de algum país amigo, não lançou granadas, tiros de fuzil, nem esboçou reação à determinação judicial. Ali no espaço simbólico que lhe deu berço como liderança popular – o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC –, rodeado por uma pequena multidão de apoiadores, emitiu ao país

sua mensagem de inconformismo diante da injustiça que estava sofrendo, se apresentou à Polícia Federal enviada por Moro e foi conduzido ao cárcere, em Curitiba.

O Brasil parou para ouvir Lula no 10 de março de 2021. Ao conceder entrevista coletiva no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em São Bernardo do Campo, confirmou a insuperável capacidade de lidar com o universo simbólico da luta política. E dali, do berço de onde retira a energia que o mantém na cena política há mais de quarenta anos, falou para o país, para que o mundo o ouvisse. O que se seguiu foi fulmi-

nante: em 15 de abril o Plenário do STF declarou a incompetência da 13ª Vara de Curitiba para julgar os processos contra Lula. Em 21 de junho de 2021 o STF decretou a suspeição de Moro.

Estava aberto o caminho para a laboriosa estratégia de reaproximar o centro democrático e os setores da direita convencional incomodados com os maus modos da extrema-direita e convencê-los de que a ruptura havia sido tão profunda que tornara inviável uma terceira via: agora se tratava de escolher entre a civilização e a barbárie, entre a democracia e o neofascismo.



Foto: Divulgação

Só a figura de Lula, e o que ele significa simbólica e politicamente, seria capaz de realizar, navegando ao largo das complicadas elaborações teóricas sobre a necessidade da Frente Ampla para derrotar o energúmeno, um movimento prático de negociação que resultasse numa concertação tão ampla que incluiu até seus adversários de anteontem, sintetizado na escolha do vice, Geraldo Alckmin.

O que de fato ocorreu ao longo de 2022 no Brasil foi a demonstração da capacidade de uma liderança colossal, sem paralelo na história do país, que emergiu das classes trabalhadoras, dos excluídos de sempre, de reocupar o protagonismo na cena política, costurar com os demais atores

uma concertação social, política e cultural capaz de resgatar segmentos da direita convencional e mesmo do centro-democrático, da hegemonia avassaladora da extrema-direita e abrir caminho para derrotar o neofascismo.

A combinação desse lúcido esforço de conjugar forças sociais e políticas heterogêneas com sua inacreditável capacidade de convocação e mobilização das forças populares para uma vasta campanha nas ruas e redes, reforçada no segundo turno, resultou nessa vitória maiúscula dos setores progressistas da sociedade brasileira que haverá de conduzir o país a reencontrar-se consigo mesmo e com seu projeto de nação democrática, inclusiva, tolerante, sustentável e soberana.

Talvez seja útil revisitar a premonição do poeta:

Aprendemos que a construção do Brasil não será obra apenas de nossas mãos. Nosso retrato futuro resultará da desencontrada multiplicação dos sonhos que desatamos...



Pedro Tierra - Poeta . Ex-presidente da Fundação Perseu Abramo. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri



Thiago Pádua - Advogado e professor universitário. Ex-assessor no Supremo Tribunal Federal

OS SERES DAS ÁGUAS

Manuela Carneiro da Cunha e Mauro Almeida

Os seres das águas são muitos: ostras, caranguejos, tartarugas, iaçás e tracajás, lontras e ariranhas, certas cobras, jacarés, botos, mas, sobretudo, os peixes.

Os seringueiros classificam os peixes de vários modos: Uma das classificações mais abrangentes e óbvias é a morfológica. Mas aqui também há uma pluralidade de critérios possíveis: um, o mais comum, é o que distingue os peixes de escama, os de couro e os de casca.

No entanto, esse critério nem sempre prevalece: arraias e soias, de um lado, e poraquês, muçus e sarapós, de outro, são em geral mencionados como famílias à parte, e incluem tanto peixes de escama como de couro: nesses casos, é o modelo ou forma do peixe o critério de agrupamento.

Outros peixes difíceis de classificar, e que ocasionalmente são assimilados aos peixes de couro, são os cuiús e os bacus, que têm couro, mas também uma parte de casco.

Outra classificação genética assenta-se no tamanho: peixes grandes são uma categoria em si. Incluem a tambaqui e a pirapitinga (que são de escama), o cuiú

e às vezes o bacu, além de muitos peixes de couro – surubim, vários jundiás (jundiá-preto ou açu, camisa-de-meia, manteiga, amarelo), caparari, filhote, dourado. Os seringueiros conhecem outros peixes grandes, como o pirarucu e o aruanã, que parecem não ocorrer na Reserva [Extrativista do Alto Juruá].

Dentre as alternativas classificatórias, vale a pena chamar a atenção para uma solução *sui generis*: os seringueiros parecem agrupar as famílias de peixes com critérios em que o termo “família”, de metafórico, passa a ser literal, ou seja, uma unidade cujos membros compartilham comida e tendem a se deslocar juntos. Portanto, são agrupados em famílias aqueles peixes que comem o mesmo tipo de comida e “viajam” juntos.

A viagem de que se trata aqui é a da piracema, a grande migração anual de várias espécies de peixes por ocasião do verão. Assim, por exemplo, a frecheira ou cubiú é tida por parente dos piaus, porque come lodo e semente como os piaus e “viaja” com eles na piracema.

O pacu, a piaba-chata ou reis, a matapiri e as piabinhas-mirim

formam outra família, que inclui a sardinha, porque comem sementes e viajam em um mesmo grupo – isso apesar de a sardinha ter espinhas e os outros membros da família não.

A gata e a madalena também viajam nesse contingente, mas como têm um regime de alimentação diferente, por comerem piabinhas, não fazem parte da família. E o saburu é “quase” da família das piabas, porém não come semente, só lodo e lama.

Com esse critério implícito, peixes que não fazem piracema e cuidam dos filhotes – como o jacundá, o cará, o tucunaré, a traíra, o pirarucu – distinguem-se dos demais e, embora muito diferentes entre si sob outros aspectos, podem ser agrupados.



Manuela Carneiro da Cunha – Antropóloga. Excertos de artigo publicado no livro *Enciclopédia da Floresta – O Alto Juruá: Práticas e Conhecimentos da Populações*, Companhia das Letras, 2002.



Mauro Almeida – Antropólogo. Excertos de artigo publicado no livro *Enciclopédia da Floresta – O Alto Juruá: Práticas e Conhecimentos da Populações*, Companhia das Letras, 2002.



DEU LULA DE NOVO, COM A FORÇA DO POVO!

————— Mauricio Falavigna



Foto: Divulgação / Andre Penner/AP

"Nossa voz foi ouvida. Nosso sorriso se abriu. Nossa esperança voltou. Nossa luta não vai parar. Deu Lula de novo, com a força do povo." Assim o jornalista Mauricio Falavigna encerra seu primeiro artigo pós-vitória do Presidente Lula no blog <https://recontaaai.com.br/>, logo depois do segundo turno das eleições de 2022. Lúcido e

emocionante, o texto de Falavigna traça o roteiro da resistência democrática do povo brasileiro que levou Lula, pela terceira vez e com o maior número de votos de nossa história, a voltar à presidência do Brasil em 1 de janeiro de 2023. Vale a pena conferir.

(Kleyton Morais)

Foi a segunda vez em que um ex-presidente, após um intervalo de seu governo, concorreu à Presidência da República. E ganharam nas duas ocasiões, com a memória se associando à esperança, com a benção dos trabalhadores e dos excluídos, como um ato de resistência popular contra uma elite entreguista e escravagista. Não por acaso,

Lula e Getúlio são símbolos da massa – e alvos de ódio dos setores mais conservadores, privilegiados e subservientes ao capital externo.

Algumas similaridades entre as eleições. Em 1945, Getúlio foi deposto por militares e não pôde participar das eleições. O queremismo levou milhares às ruas exigindo seu nome no pleito, mas militares e STF impediram. Inúmeras manifestações, décadas depois, protestaram contra o golpe, a saída de Dilma e a prisão de Lula, impedido de concorrer em 2018. E quem ganhou as eleições foram militares, um general lá e depois um capitão. Ambos contaram, em sua trajetória ao poder, com o benelácito norte-americano.

Durante o governo Dutra, Getúlio articulou-se com outros partidos, gerando polêmica entre seus apoiadores – se Alckmin foi uma aliança controversa, se o PSB foi alvo de críticas de militantes petistas, Getúlio trouxe o PSP de Ademar de Barros (que indicou Café Filho para ser vice) e conseguiu apoios individuais importantes do PSD e da própria UDN para sua candidatura. Assim como agora, São Paulo concentrava a maior rejeição a um governo popular e trabalhista.

O PSD, o apoio que seria mais natural, insistiu em uma candidatura própria, Cristiano Machado, em papel semelhante ao de Ciro, deu origem ao termo “cristianizado”: foi abandonado pelo próprio partido. A direita concentrou-se na continuidade militar com o Brigadeiro Eduardo Gomes. A plataforma de campanha era antitrabalhista – ele queria acabar com o salário mínimo – e entreguista, pregando que empresas estrangeiras explorassem nosso petróleo. A campanha de Vargas concentrou-se em temas sociais, garantias trabalhistas, desenvolvimento e nacionalização da Petrobras.

Os grupos políticos eram similares, como não poderia deixar de ser. De 1951 a 1964 e de 2016 para cá, as forças conservadoras apelaram para todas as suas armas. As grandes riquezas, empresários, Forças Armadas, mídia e lideranças religiosas atacaram opositores com todo o vigor. O mais revelador entre essas semelhanças é

que, apesar da diferença de contextos, o cenário não saiu de cena. A luta entre Capital e Trabalho voltou a ser explícita, o combate à desigualdade e à miséria estão na ordem do dia, o privatismo voltou ao embate contra a presença do Estado, a atuação militar na política é sentida, setores estratégicos como energia elétrica e petróleo voltam a ser palcos de disputas.

Mas o feito de Lula foi ainda maior, sua volta foi mais árdua. Em primeiro lugar, porque a extrema direita assumiu o governo. Uma mídia corporativa muito mais complexa facilitou a desestabilização de Dilma e garantiu uma eleição fraudada, com Lula preso. O Judiciário abriu as portas aos militares. Os grandes noticiários engajaram-se na criminalização do PT e de Lula. Uma farsa imensa como a Lava Jato foi criada como arma perene contra a “corrupção” – e para minar indústrias nacionais. A presença do capital externo hoje é muito maior, com *lobbies* no Congresso e valores que dominam o jornalismo e a indústria do entretenimento. O lado conservador da sociedade foi armado legalmente, a eliminação de esquerdistas foi incentivada. As PM’s hoje são um exército de reserva, uma espada suspensa sobre a cabeça de pobres. Pastores neopentecostais se espraiam pelas periferias e pelo Brasil profundo, conquistando mentes e almas com um discurso moralizante, antipolítico, que prega a subserviência de mulheres e pobres, que demoniza o desenvolvimento e a esquerda.

Temos um lugar comum a que todos os brasileiros remetem, o de “não termos memória”. Mas foram eleições em que a memória, afetiva e pragmática, levou as massas a sentirem seu voto, seu candidato, depositando suas esperanças e, lá no fundo, suas pequenas vinganças.

E não “assistimos calados”, outra frase feita de alguns intelectuais inconformados. Na eleição de hoje, em um ambiente dominado pelo radicalismo das elites, assumindo espírito e práticas fascistas, os sem voz saíram vencedores. A maior estratégia de comunicação da campanha deste governo, mais que as conhecidas notícias falsas semeadas

em aplicativos, redes, rádios, tevê e templos, foi a intimidação. Ameaças de demissões e espancamentos tornaram-se homicídios nos últimos dois meses. Assassínatos, agressões, armas sacadas na ruas, campanhas que chegaram ao homicídio para forjar falsos atentados, superando qualquer facada mal compreendida...

E aqui cessam as similaridades e comparações. Até porque Lula teve algo que Getúlio não conheceu. Ele é inspiração e fruto do maior partido de esquerda latino-americano, com uma militância persistente, que não sucumbiu a seis anos de ataques, humilhações públicas, perdas de direitos, que insistiu em se manter ativa, mesmo sob o domínio da mentira e da violência. Da vigília em Curitiba à festa na Paulista, um caminho foi traçado.

Um caminho de resistência, de perseverança e de lutas políticas incessantes que levaram Lula ao lugar que lhe pertencia moralmente desde 2018. Será preciso superar os donos do país, a elite do atraso, os senhores de engenho, os rentistas privilegiados e seus cães da mídia. Mas a partir de amanhã. Hoje, 30 de outubro, o desejo de construirmos novamente um País renasceu, para a incredulidade de uma parcela considerável dessa gente. Há apenas dois anos, nos davam por mortos e calados. Hoje mostramos que estamos vivos e na luta.

Nossa voz foi ouvida. Nosso sorriso se abriu. Nossa esperança voltou. Nossa luta não vai parar. Deu Lula de novo, com a força do povo.



Kleyton Morais - Presidente do Sindicato dos Bancários do Distrito Federal.



Mauricio Falavigna - Jornalista do Reconta Ai e colaborador eventual da Revista Xapuri.



O RETORNO DA DEMOCRACIA NO BRASIL

Emir Sader



A eleição de Lula encerra um novo período de ruptura da democracia no Brasil, que começou com o golpe contra Dilma, consumado em 2016. Um processo que também impediu Lula de ser eleito presidente do Brasil em 2018 (para o qual era favorito para ganhar no primeiro turno).

Em vez disso, o Brasil experimentou governos de fato que reintroduziram o modelo neoliberal, com recessão econômica e desemprego, e autoritarismo em vez de democracia. Esse período termina com a derrota de Bolsonaro, que não conseguiu se reeleger.

O Brasil teve a mais longa ditadura militar do Cone Sul (de 1964 a 1985, 21 anos), depois teve governos democraticamente eleitos de 1990 a 2016, 26 anos) e, novamente, um período de ruptura da democracia (de 2016 a 2022, 6 anos). E um período de transição democrática de 5 anos, de 1985 a 1990). No total, em 58 anos, 27 anos de ruptura da democracia, com 26 de continuidade democrática. Praticamente metade do tempo na democracia, a outra metade não.

A partir de 1º de janeiro, com a posse de Lula, o Brasil reinicia um novo período democrático. O discurso de Lula na noite de domingo [30 de outubro] já era considerado uma espécie de discurso de posse.

Enquanto Bolsonaro, após 48 horas de silêncio absoluto, como se já tivesse desistido do restante de seu mandato, fez uma declaração de 2 minutos (sic). Em que agradeceu os votos recebidos, caracterizou os bloqueios como uma reação aos resultados eleitorais, mas condenou o uso da violência. Imediatamente, reafirmou suas abordagens ideológicas. Nenhum reconhecimento de sua derrota, nenhuma referência a Lula.

Imediatamente, um de seus ministros afirmou estar pronto para o processo de transição, que começou no dia 3, com a presidente do PT, Gleisi Hoffmann, representando o "presidente Lula", segundo suas próprias palavras.

O Judiciário considerou esses pronunciamentos como reconhecimento

dos resultados eleitorais e início da transição para o novo Governo.

Lula ocupou, desde domingo à noite, todos os espaços políticos. Ele recebeu saudações de Biden, Putin, Macron, Ji Jinping, entre outros líderes. Ele almoçou na segunda-feira com Alberto Fernandez. Ele foi convidado a participar de uma reunião global sobre o clima, pelo presidente do Egito, em novembro. López Obrador o convidou para outro evento internacional no México, também em novembro. Lula foi convidado a levar sua visão de mundo para a próxima reunião do Fórum Econômico Mundial, em Davos.

Os dois meses da eleição até sua posse serão ocupados por Lula, já eleito presidente. Bolsonaro, após as 48 horas iniciais de silêncio, provavelmente desaparecerá do cenário político brasileiro.



Emir Sader - Sociólogo. Cientista político. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri.



Foto: Divulgação/ Carl De Souza/AFIP

PARABÉNS, LULA, O PRESIDENTE CAMPEÃO DE VOTOS

Bia de Lima e Ludmylla Morais

Pela terceira e única vez na história do Brasil, Lula foi eleito presidente no segundo turno das eleições presidenciais, no dia 30 de outubro, com mais de 60 milhões de votos.

Apuradas as urnas, Lula obteve 60,3 milhões de votos, o que corresponde a 50,90% dos votos válidos, contra 49,10% do inominável que ocupou o Palácio do Planalto nos últimos 4 anos e, por vontade do povo brasileiro, foi o primeiro presidente da República a perder uma disputa pela reeleição no exercício do mandato.

Dessa forma, com uma diferença de mais de 2 milhões de votos, o presidente mais votado em toda a história da democracia brasileira assume o poder pela terceira vez em 1 de janeiro de 2023. Lula ganhou as eleições também em 2002 e em 2006.

Esta é a quinta vez que o PT ganha as eleições presidenciais desde a redemocratização do país, depois do longo período de ditadura militar (1964-1985). Dilma

Rousseff, a primeira e única mulher presidenta do Brasil, ganhou as eleições em 2010 e em 2014.

A vitória de Lula, na noite do dia 30 de outubro, foi celebrada no Brasil e no mundo inteiro: Ao parabenizar nosso presidente eleito menos de uma hora depois da vitória de Lula, Joe Biden, presidente dos Estados Unidos, postou mensagem no Twitter dizendo que “está ansioso para trabalhar junto”. Outros líderes mundiais de todos os continentes, celebraram com Lula, incluindo o presidente da Argentina, que veio a São Paulo no dia seguinte, especialmente para abraçar o amigo Lula.

Da mesma forma, no Brasil as principais autoridades do país, a começar pelos presidentes da Câmara, Arthur Lira, do Senado, Rodrigo Pacheco, do STF, Rosa Weber e do TSE, Alexandre de Moraes, parabenizaram nosso presidente. Também no Twitter, o ex-presidente Fernando Henrique

Cardoso escreveu: “Parabéns Lula pela vitória. Venceu a democracia, venceu o Brasil”.

E em entrevista à imprensa na noite da vitória a senadora Simone Tebet (MDB-MS) também fez uma postagem parabenizando Lula. A postagem no Twitter diz: “As urnas falaram, venceu a democracia e a verdade”.

Daqui do coração do Brasil, celebramos à moda do presidente chileno, Gabriel Boric: “Lula. Alegria!”



Bia de Lima - Presidenta licenciada do SINTEGO. Deputada Estadual eleita pelo PT Goiás.



Ludmylla Morais - Presidenta em exercício do SINTEGO.



POR UM BRASIL SEM RACISMO

Iêda Leal

*Este ano,
Pós-eleição do presidente Lula,
Uma vez mais,
Palmares renasce,
Por um Brasil sem Racismo,
Com Democracia.*

*Este ano,
Com Lula eleito,
Nos sentimos mais fortes
Para seguir sonhando
E seguir lutando
Pela construção coletiva
Do projeto político
Do povo negro
Para o país que queremos:*

*Um Brasil sem Violência,
Um Brasil sem armas,
Um Brasil solidário,
Um Brasil plural,
Um Brasil pleno e feliz,
Com capacidade de viver,
Como nos tempos de Dandara
E Zumbi dos Palmares,
A filosofia UBUNTU,
Onde "eu sou porque nós somos."*



Iêda Leal - Secretária de Combate ao Racismo da CNTE; Secretária de Comunicação da CUT-GO; Tesoureira do SINTEGO; Coordenadora Nacional do Movimento Negro Brasileiro.





Ilustração de Dandara; Reprodução



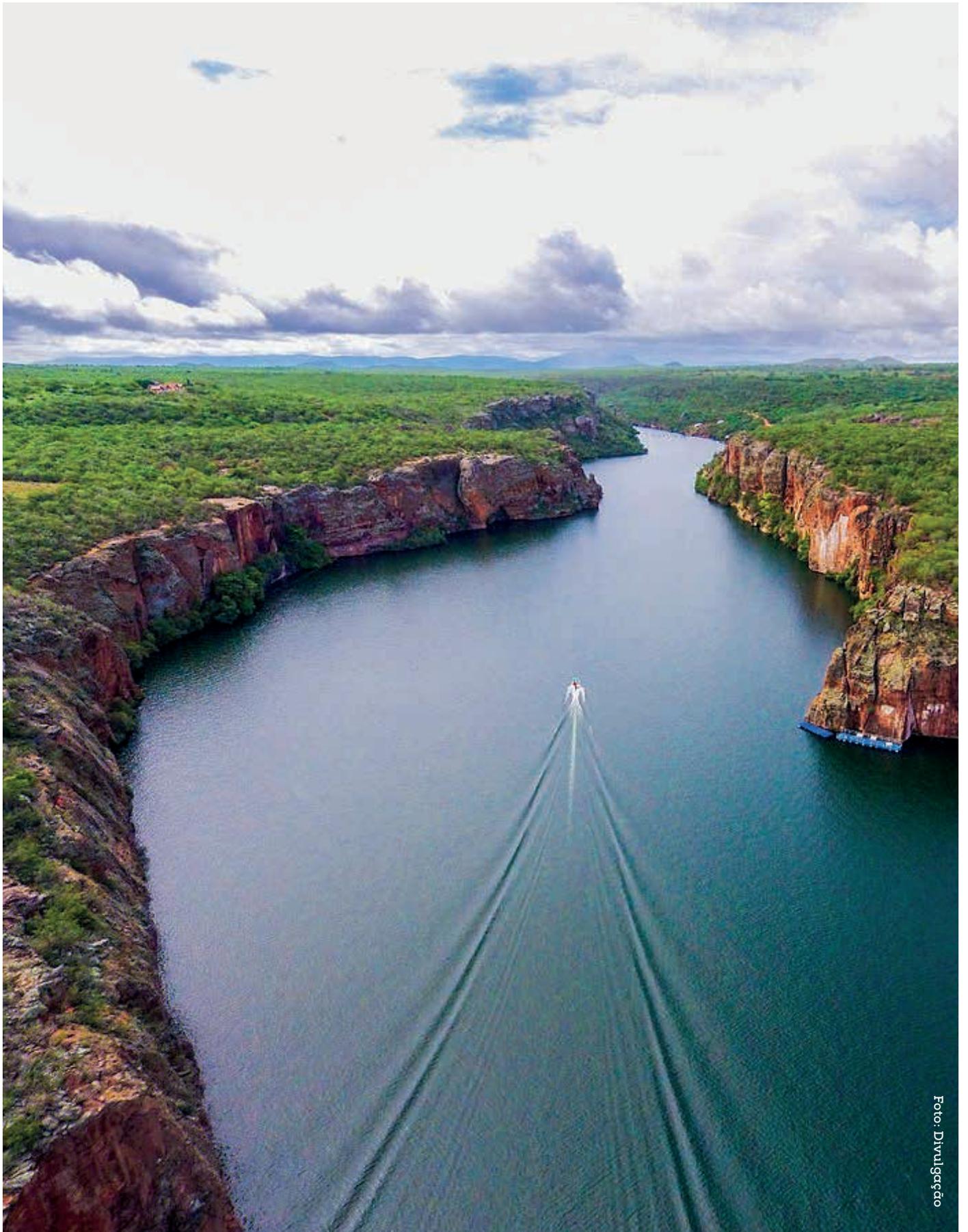


Foto: Divulgação

DAS PITOMBAS ÀS UVAS FINAS

Altair Sales Barbosa

Talvez eu tenha sido, ao longo das últimas duas décadas, o maior crítico do Projeto da Transposição do rio São Francisco. Sempre baseado nos estudos e conhecimento da geologia regional e na formação dos aquíferos Bambuí e Urucuia, alimentadores e responsáveis pela perenização do São Francisco.

Também estudei todo o complexo de sedimentação, responsável pela bacia do rio Parnaíba, e seu irmão gêmeo, o rio Gurguéia.

Ainda, para fundamentar essas críticas, mergulhei em quase todos os estudos de geologia evolutiva regional, de geotecnia, e nos sistemas de ocupação humana da região, desde a aurora da Pré-história, até a entrada do capital internacional, que começou na década de 1970 e foi-se incrementando com o tempo, chegando ao auge entre 2010 e 2019, quando se agregou ao Projeto da Transposição do São Francisco, agora denominado de Projeto de Integração de Bacias, a ideia do Projeto Matopiba, encabeçado pela ministra da agricultura da então presidente Dilma Rousseff, com total apoio dos então governadores do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia.

Além dos estudos, cuja atualização constante sempre procurei conservar, me juntei a muitos movimentos sociais e eclesiásticos do Nordeste, na ânsia de podermos convencer os políticos de que o

projeto era um equívoco. Fizemos várias reuniões para discutirmos o assunto. Uma dessas aconteceu com o próprio presidente da República, à época o Senhor Luiz Inácio Lula da Silva, em seu gabinete no Palácio do Planalto.

Tudo em vão, o Projeto da Transposição continuou, assim como foi tomando forma a ideia do Matopiba.

Não cabe aqui focar os prejuízos ambientais, sociais e econômicos, que foram surgindo ao longo do tempo. Apenas ressaltar um outro assunto.

O nordestino, falo com conhecimento de causa, porque quando criança vivi e fui criado no local, suas ou nossas frutas mais comuns eram a pitomba, com pouca polpa para ser consumida, caroço grande e escorregadia, qualquer descuido, era engolida com o caroço; o umbu, que, de tão azedo, o próprio povo dizia que desbotava os dentes, ou seja, tirava seu esmalte protetor; o juá, pequeno fruto do juazeiro, que consumíamos, porque não havia outra opção, nem sabor definido tem.

Veza ou outra, apareciam algumas mulheres, com gamelas à cabeça, apoiadas em rodilhas de pano, vendendo uma espécie de manga, cheia de fiapos, que após o consumo, ficávamos certo tempo limpando os fiapos que se enfiavam entre os dentes.

Hoje em dia, entretanto, olhando os vales irrigados do

São Francisco, principalmente nos arredores do grande polo exportador próximo a Petrolina e Juazeiro, quase não acredito na variedade de frutos e produtos de altíssima qualidade, produzidos na região. São citros, melões, bananas, mangas finas, maçãs, peras, nectarinas, uvas de várias espécies, algumas produzem vinhos, de qualidade ímpar, outras produzem sucos integrais. Uma variedade de frutas desidratadas, que chega a parecer um sonho, vários tipos de sucos, que para quem se contentava com uma simples gasosa, parece até que estamos, ou nos encontramos no sétimo céu descrito por Maomé no livro sagrado do Alcorão.

Confesso do fundo do meu coração, que fico contente ao presenciar tanta abundância. Entretanto, não retiro uma vírgula das críticas que fiz e que certamente continuarei analisando. Porque tais críticas se fundamentam e se orientam pela seta do tempo.

E, utilizando um termo da literatura de cordel, é como se deslumbrasse à minha frente, a peleja entre o efêmero e o eterno.

Neste caso, todo o lado das gerações futuras.



Altair Sales Barbosa - Doutor em Antropologia / Arqueologia. Sócio Titular do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Goiás. Pesquisador Convidado da UniEvangélica de Anápolis.



REI MORTO, REI POSTO

Denise Assis

Foto: Divulgação/ René Silva



Rei morto, rei posto. É assim, na esfera do poder. Convencido de que iria levar a melhor no pleito do dia 30 – afinal, foram despejados bilhões na compra de votos, como mostrou o jornalista Caco Barcelos (e quem não imaginava?), e montado um plano anunciado no último ano à exaustão, para a permanência no cargo a qualquer custo, à moda de um capitólio caipira, Bolsonaro tentou esticar a corda.

Na falta do resultado esperado, fez propositalmente um vazio de 45 horas até se pronunciar de forma ambígua, de modo a dar tempo para o seu exército de anjos caídos capengas tomar as estradas, atazanando a vida da população e revoltando o agro que é *tech*, é *pop*, mas é acima de tudo empresário, amigo do lucro e do bom fluxo de mercadorias escoando estradas afora. Somente o estado de Santa Catarina, computou – segundo dados da coluna do Ricardo Noblat –, R\$ 36,8 milhões por dia de prejuízos no setor de aves e suínos. Por fim, metido num figurino inadequado, à la Zelenski, (em que lhe faltava músculos para preencher a camiseta estilo “mamãe sou forte”), franziu a testa e vestiu o figurino de que mais gosta: o da vitimização. A referência a Zelenski era a composição para o personagem sitiado, isolado no seu bunker, a falar com os seus seguidores, um bando de fanáticos fascistas, dispostos a enfrentar trechos de estradas por uma causa perdida.

Sabia, de antemão, que o seu teatro não o levaria a nada, mas preparava o terreno para uma saída “confortável”, garantindo casa, comida e roupa lavada, com a promessa de dar em troca o “poder” que julga ter

amealhado para carrear para o seu partido, o PL, que veio em seu socorro. Como sempre, não vai entregar o prometido. Não tem determinação para a luta, não tem tradição política, e sua liderança dura o tempo de as famigeradas camisas amarelas irem da máquina ao varal.

Seus aliados se bandeiam para o governo que desponta. Até o general, pai do “orçamento secreto”, Luiz Eduardo Ramos, já se apresentou solícito ao vice-presidente eleito, Geraldo Alkmin, desmanchando-se em mesuras, ao seu estilo subserviente. E o seu trunfo, o governador eleito para São Paulo, Tarcísio de Freitas, em quem certamente pensou em agarrar-se, já fez movimentos de arredar a sua mesa para fora da ultradireita, pela qual se elegeu, deixando atrás de si o cadáver do Felipe Lima, jovem de 28 anos, morto da comunidade de Paraisópolis, que a mídia tradicional já esqueceu.

Bastou que Tarcísio sorrisse e se mostrasse contra os bloqueios das estradas, para um comentarista já vê-lo como a promessa de uma “terceira via” vindoura, a ser montada com os cacacos do que sobrou (?) do PSDB, e do rescaldo de pequenos partidos que os colegas acreditam se unirão para um “começar de novo”... Querem porque querem uma oposição civilizada para alimentar suas colunas e os vesperais televisivos.

Quanto ao chefe do capitólio caipira, fez o papel de sempre. Tal como no 7 de setembro de 2021, quando medrou ao ver que o fuzú armado poderia, sim, vingar e resvalar para um golpe, de novo se trancou no closet da mulher e deixou no sereno o seu exército de Brancaleone, a quem pediu desculpas, na live/bunker, sem

deixar claro os motivos. Deveria ter confessado a sua inapetência e incompetência para o papel de líder, a sua inabilidade política, a sua personalidade “deprê”, e a sua eterna vocação para tirar o corpo fora e botar a culpa no primeiro que entrasse ali.

Sua triste figura vai sucumbir no ostracismo – finalmente –, assim que se vir sem mordomias, sem a turma de puxa-sacos em torno de si, sem o poder que reluta em deixar. Vai encarar intermináveis processos e, certamente, terá de acertar contas com a Justiça. E nem vou desfiar aqui a pilha de crimes a que responderá. Tomaria muito espaço.

Enquanto isto, inaugura-se uma era de dinamismo que começou hoje, com Lula já distribuindo tarefas e às voltas com uma agenda internacional portentosa, de deixar Bolsonaro enfiado debaixo da cama, de inveja. O nome do quase ex encolhe nas páginas e telas, enquanto crescem as especulações em torno de tantos nomes ilustres a seu dispor, que Lula se verá em apuros para selecionar e distribuir os cargos existentes e os que serão criados. Já caminham céleres as agendas econômicas, ambientais e sociais, numa demonstração inequívoca de que governar é para quem tem apetite, talento e prestígio.

Ah! Não se esqueçam de apagar as luzes das dependências da sala presidencial até 1 de janeiro. Pelo visto, atividades lá só com a volta de Lula ao posto.



Denise Assis – Jornalista e mestra em Comunicação. Integrante do Jornalistas pela Democracia. Matéria publicada originalmente no Brasil 247: <https://www.brasil247.com/blog/rei-morto-rei-posto>.



Foto: divulgação

RESISTÊNCIA VAI MORAR NO ALVORADA!

Nossa homenagem nesta edição 97 da Revista Xapuri vai para Resistência, essa cachorrinha renitente que, nos 580 dias em que Lula ficou preso na masmorra do juiz suspeito e parcial do Paraná, ajudou a manter acesa a esperança nos corações entristecidos de todos e todas nós que passamos pela Vigília Lula Livre, em Curitiba.

Era bonito ver Resistência com seu pelo negro e seu lenço verme-

lho sendo cuidada pela militância da Vigília. Depois que libertaram o Lula, foi lindo ver Janja adotar e levar Resistência para São Paulo, no fim do ano de 2019. Em Sampa, Resistência tomou vacinas, aparou os pelos e, na franja bem cuidada, passou a usar uma estrela.

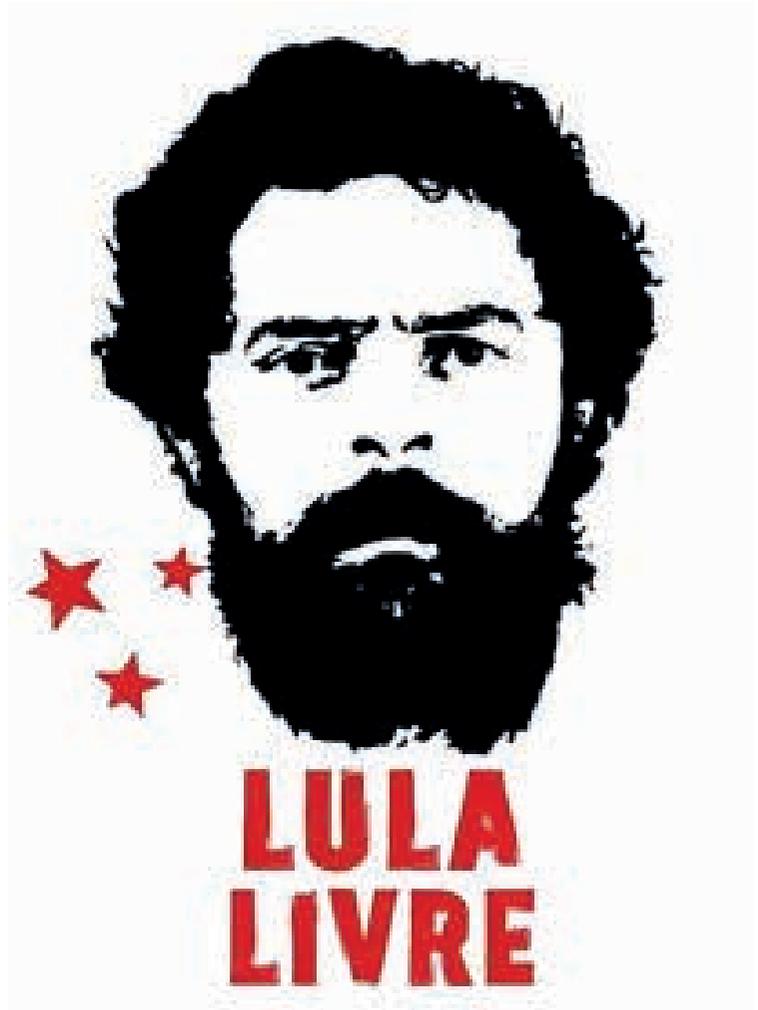
Agora, Resistência também está de malas prontas. Em janeiro, muda com Janja e Lula para o Palácio da Alvorada. A xodozi-

nha do Presidente, a querida da primeira-dama, a mascote das bandeiras do PT pelos direitos dos animais, vai correr livre pelos jardins do Palácio, talvez cutucando as emas que, não faz muito tempo, bicaram com gosto o inominável que tentou engraçar com elas no pitoresco incidente da cloroquina.

Boas-Vindas a Brasília, Resistência!



**FREE
NELSON
MANDELA**



LULA E MADIBA: NELSON MANDELA E LUIZ INÁCIO, TUDO A VER

Passou longo tempo na prisão. Depois de uma impressionante campanha nacional e internacional, acabou solto. Preso, soube dos esforços decisivos para a prisão dele. Esforços dos EUA, implacável adversário. Houve propostas de rendição, jamais aceitas.

Da prisão, saiu mais forte. E tornou-se presidente do País. Voltou aos braços do povo, razão da vida dele. Combateu o ódio, a intolerância. Tornou-se assim um dos maiores líderes da Nação que tanto amava. E um dos maiores líderes do mundo, admirado por toda a humanidade. Celebrado pela ONU.

Ao sair da prisão, não saiu destilando ódio. Pregava o amor. Não um sentimento piegas, mas sentimento capaz de unir uma Nação. Sentimento cujas raízes ancestrais podem ser procuradas na origem da civilização. Sentimento poderoso, capaz de inundar a

alma da humanidade e de invadir os livros sagrados das religiões, daquelas alicerçadas em livros. Ou daquelas outras, cuja sobrevivência se baseia na história oral, na sabedoria dos ancestrais. E, com tal sentimento, uniu a Nação. Pra jamais ser esquecido.

Não estou falando de Lula. Mas, de Mandela. De Madiba. Não falo do Brasil. Mas da África do Sul, onde o racismo era perverso, cruel. As mãos do Estado caindo pesado nas costas dos negros pelas mãos dos brancos racistas. Ditou sentença famosa: *Ninguém nasce odiando outra pessoa por causa da cor de sua pele, da sua origem ou da sua religião. Para odiar, é preciso aprender. E se podem aprender a odiar, as pessoas podem aprender a amar.*

A confusão do leitor, no entanto, ao começar a ler o texto, justifica-se. Mandela e Luiz Inácio, tudo a ver. Madiba e Lula, tudo a ver.

Como Mandela Madiba, quiseram enterrar Lula em vida. Acreditaram nisso. E se juntaram para encerrar a vida política dele. Como Madiba, ressuscitou. Na prisão. Não se acomodou, não se acovardou. Carregava o sentimento do mundo, tinha causa. E ao ter o sentimento do mundo e ter uma causa, o País e o povo, o Brasil e a gente do Brasil, enquanto preso, celebrado pela humanidade, visitado por ela, continuou vinculado à Nação.

Certo de que a idade, tivesse causa, sonhasse sonhos, não era nada.

- Sentia-se jovem, muito jovem, aos 77 anos. Certamente, recordou-se, ao saber da eleição na noite de 30 de outubro deste 2022: Madiba tinha praticamente a mesma idade, quando eleito presidente, em 1994, depois de ter saído da prisão.

Por que ele não poderia? Saiu da prisão sem nenhum ódio, ressentimento, sem qualquer desejo de





vingança. E caminhou pelo mundo. E recebido com imenso carinho, não obstante sem o cargo de presidente, mas sempre recebido como tal.

O Mundo parecia adivinhar. Adivinhou. E chegou com um notável discurso, inspirado no amor e no esforço de unir o Brasil. Sabia, como disse, ter enfrentado a mais dura eleição da vida dele, a colocar frente a frente dois projetos opostos de País.

Venceu o País mais generoso, mais fraterno. Foi vitória não dele, mas do povo brasileiro. De um povo a desejar mais e não menos democracia. Mais liberdade, igualdade e fraternidade – face à barbárie, chegasse a Revolução Francesa à nossa terra, tardiamente fosse.

O Brasil precisa se reencontrar consigo mesmo. Combater a extrema pobreza, a fome, a desigualdade. Restabelecer o diálogo, suprimido pela barbárie.

Baseado na Constituição. Nada mais de sigilos centenários. Diálogo. Não força bruta.

O Brasil deve voltar a falar de igual para igual com todo o mundo. Ombrear-se com a humanidade na defesa do clima, protegendo os biomas brasileiros, todos. Trabalhar por um Brasil onde o amor prevaleça sobre o ódio, a verdade vença a mentira e a esperança seja maior que o medo – e aqui ele se encontra novamente com

Madiba Mandela. A maior virtude de um bom governante, dirá Lula no discurso histórico, será sempre o amor pelo seu País e seu povo.

Tanto quanto Madiba Mandela, Lula chega à presidência da República, ciente da magnitude da missão colocada nas mãos dele. Tanto quanto Madiba Mandela, sabe não poder cumpri-la sozinho. Disse com todas as letras: vou precisar de todos.

E todos significa partidos políticos, trabalhadores, empresários, parlamentares, governadores, prefeitos, gente de todas as religiões, com brasileiros e brasileiras a sonhar com um Brasil mais desenvolvido, mais justo e mais fraterno, um Brasil do tamanho dos nossos sonhos, como ele disse.

A mídia tradicional classificou o discurso como uma novidade. Não era.

Lula Madiba o construiu ao longo dessa caminhada, desde o primeiro turno. Ampliou com muita competência o arco de alianças desde o primeiro turno, ao chamar para junto de si a figura, agora simbólica, de Geraldo Alckmin. E depois vieram Simone Tebet, Janones, Marina Silva, tantas outras personalidades.

Sorte nossa, tenho dito. Não é qualquer coisa contar com uma liderança como Lula, das mais importantes do mundo.

Como Mandela, jamais desistiu do Brasil. A prisão só o fez crescer.

As dores e as injustiças acumentaram a resistência. A inocência, provada. Pronto para missão épica. Jornada duríssima de reconstrução. O oponente dele havia dito da principal tarefa dele: destruir. Cumpriu. Mas Lula Madiba sabe unir.

Vai unir os eleitores dele e os do adversário para recuperar a Nação. Por isso, ele parecia, com o discurso, lembrar o poeta, recordar Beto Guedes.

*Anda, quero te dizer nenhum segredo
Falo desse chão da nossa casa
Vem que tá na hora de arrumar*

*Tempo, quero viver mais duzentos anos
Quero não ferir meu semelhante
Nem por isso quero me ferir*

*Vamos precisar de todo mundo
Pra banir de todo mundo a opressão
Para construir a vida nova
Vamos precisar de muito amor
A felicidade mora ao lado
E quem não é tolo pode ver*

*A paz na terra amor
O sal na terra
A paz na terra amor
O sal da terra*

*Terra, és o mais bonito dos planetas
Tão te maltratando por dinheiro
Tu que és a nave nossa irmã*

*Canta, leva tua vida em harmonia
E nos alimenta com seus frutos
Tu que és do homem, a maçã*

*Vamos precisar de todo mundo
Um mais um é sempre mais que dois
Para melhor juntar as nossas forças
É só repartir melhor o pão
Recriar o paraíso agora
Para merecer quem vem depois*

*Deixa nascer o amor
Deixa fluir o amor
Deixa crescer o amor
Deixa viver o amor
O sal da terra*



Emiliano José - Escritor e jornalista. Matéria publicada originalmente em: <https://vermelho.org.br/>.



Foto: Divulgação

RABADA: O PRATO PREFERIDO DE LULA

Lúcia Resende

Em abril de 2018, logo no começo do longo período de 580 dias que Lula passou preso em Curitiba, uma linda senhora, simples e terna, à época com 64 anos, cruzou os céus entre Brasília e o Paraná para tentar visitar o preso ilustre.

Era Maria de Jesus Oliveira da Costa, conhecida como tia Zélia, proprietária de um restaurante singelo na Vila Planalto, para onde, nos anos 2000, o presidente costumava "fugir", nas noites do Planalto para comer seu prato predileto, uma boa rabada, segundo tia Zélia.

Impossibilitada de visitar o presidente, a baiana nascida em Buritirama, região do Vale do Rio São Francisco, chegada em Brasília no ano de 1976, depois de uma viagem de 45 dias num pau-de-arara, cozinhou e contou para a militância da Vigília Lula Livre as "travessuras" do presidente para comer os pratos do "Tia Zélia", galinhada, buchada e rabada.

Vinda do mesmo sertão nordestino, tia Zélia contou para a militância

que muitas vezes ela tinha que apagar a luz do restaurante para despistar quem imaginava que o presidente Lula estava lá, aí quando ele chegava, ela o levava para a cozinha e fazia a comida dele.

Há várias receitas de rabada circulando na internet. Todas elas usam o rabo da vaca cozido, cortado em pedaços suculentos e cheios de colágeno. O jeito de fazer varia, mas o resultado é sempre uma comida cheia de "sustança", como se diz aqui em Goiás!

Por aqui, gosto de refogar bem a carne, deixando dourar bem, com alho, sal e pimenta-do-reino (a gosto). Depois, acrescento cebola cortadinha, deixo refogar, acrescento tomate picado em cubos, refogo um pouco mais e cubro com água. Daí, deixo na pressão por cerca de 30 minutos.

Já cozida, acrescento uma boa dose de cachaça, deixo ferver para engrossar o caldo. Para finalizar, acerto o sal, desligo o fogo, acrescento cheiro verde e agrião. Para acompanhar, arroz branco. Posso garantir, fica uma delícia.

A rabada da tia Zélia ainda não comi, hora dessas vou lá, pra conferir!

No Paraná, no dia 18 de abril, sem poder ver o presidente, tia Zélia gravou em vídeo uma mensagem carinhosa para Lula:

"Meu querido presidente Lula, quero te dizer que estou em Curitiba, quero te deixar meu abraço. Quero te deixar meu carinho e quero te dizer que te amo muito, a tua veia te ama". Agora que o amigo-presidente volta para Brasília e, muito provavelmente, vai escapular algumas vezes do Palácio do Alvorada para se deliciar com o tempero de tia Zélia em sua cozinha da Vila Planalto, homenagem os dois, o presidente e a cozinheira, com minha própria receita de rabada. Bom apetite



Lúcia Resende - professora e consultora parlamentar aposentada, cozinheira por paixão e revisora voluntária da Revista Xapuri.

TIROS NO LULA: A PINTURA IRREMOVÍVEL

José Bessa Freire

"Acabou chorare no meio do mundo/ Respirei eu fundo, foi-se tudo pra escanteio"

(Novos Baianos. Salvador. 1972)



Foto: Reprodução/TruOutPrint

- "Acabou" - uivou o Coiso dentro do STF. Acabou mesmo? Acabou o quê, porra? Respirei eu fundo. Chutado pra escanteio pelas urnas, acabou a verborreia do perdedor, mas não o chororô dos seus seguidores nutridos por ódio e violência armada. No cenário das manifestações golpistas contra a vitória de Lula, balas foram disparadas na madrugada do dia de finados, em Manaus, no Bairro da Paz, contra a residência do funcionário da Caixa Econômica Federal, José Cláudio Ramos

Pontes, 56 anos, artista plástico parintinense e diretor de Movimentos Sociais do PT Municipal.

As balas fizeram nove buracos no "Muro do Lula", assim denominado desde abril de 2018, quando Claudinho, não podendo visitar o líder petista na prisão de Curitiba, trouxe o "Lula Livre" para sua casa, em cujo muro pintou o rosto dele ao lado de frases sobre sua inocência. Quem passava na rua via o mural da verdade contando a condenação mentirosa sem provas. Hordas fascistas picharam e vandalizaram

algumas vezes o muro, mas as pinturas eram sempre recompostas. Agora foi alvo de balas, uma delas passou raspando a dois palmos da cabeça de Lula. José Cláudio, apelidado de PTzinho, conta:

- Assim que Lula foi inocentado e solto, fiz nova pintura dele com um braço erguido. A imagem bem bonita passou a ser referência até para o DETRAN. Mas nessas eleições de agora, fiscais do Tribunal Regional Eleitoral (TRE) alegaram que a imagem violava padrões legais de propaganda e cobriram



o muro com tinta. Lula sumiu e foi por mim ressuscitado ao terceiro dia, com novo painel dentro das normas, mas os fiscais acharam um detalhe incorreto e tive de deletar. Pincelei a terceira vez com o slogan “Sem medo de ser feliz”.

A INSCRIÇÃO INVENCÍVEL

Os apagamentos sucessivos do “Muro do Lula” lembram o ocorrido na 2ª Guerra Mundial na cela do presídio italiano de San Carlo, relatado por Bertold Brecht no poema “A inscrição invencível”. Foi assim.

Um militante socialista preso usou um canivete para cavar nove letras no canto escuro no alto da parede da cela: VIVA LENIN. As letras, embora enormes, não eram tão visíveis, mas o diretor do presídio mandou apagá-las. Um guarda usou um pincel para pintar com cal letra por letra da inscrição. Realçado assim pela tinta branca, o VIVA LENIN cintilava no xilindró. O remendo foi pior que o soneto. Foi ordenado segunda mão de cal com uma brocha, desta vez cobrindo toda a parede. Brecht conta então o resultado:

– Durante algumas horas tudo desapareceu, mas a tinta secou e no outro dia a visibilidade do VIVA LENIN ficou escandalosamente mais destacada. O diretor mandou, então, excluir de uma vez por todas o nome do líder bolchevique. Com talhadeira e martelo, um pedreiro perfurou letra por letra, seguindo o traçado de cada uma. Quando terminou, as letras esburacadas gritavam VIVA LENIN que, embora incolor, aparecia realçado no alto da cela. O militante preso disse: “Agora derrubem a parede!”.

As paredes da cela do Lula foram derrubadas graças ao movimento “Lula Livre” em todo o Brasil que, em Manaus, teve o painel da casa do Bairro da Paz como uma de suas expressões. Quanto mais tentam apagá-lo, maior é sua visibilidade. A inevitável cobertura da mídia sobre os

ataques fascistas projetou o Muro do Lula até para fora do Amazonas. É bem capaz de ter turista visitando o muro vermelho, para tirar foto ao lado da nova frase escrita com tinta branca, que hoje reina soberana: “Lula já é presidente. 2023 a picanha vai voltar”.

Na quinta-feira (3), foi realizado ato em solidariedade ao artista plástico e à sua família, em defesa da democracia e contra o terrorismo, quando foi possível observar os furos profundos no muro, sugerindo que arma usada é de calibre pesado.

PORTO DE LENHA

No Boletim de Ocorrência feito no 19º Distrito de Polícia, acompanhado pelo deputado federal Zé Ricardo (PT-AM), Cláudio registrou a existência de imagens das câmeras de vigilância, que flagraram a passagem acelerada de um veículo tipo GM/S10, de cor prata e placa não identificada, fazendo rajadas com armas de fogo. O bairro é da Paz, mas em pleno Dia de Finados as mentes e as alminhas sequestradas e encarceradas pelo Coiso, atoladas na lama da ignorância e do ódio, mandaram bala.

O Muro do Lula estaria coberto de flores e não de balas, se Cláudio morasse ainda em Ponta do Arco, no município de Parintins, sua terra natal, onde concluiu o segundo grau. É que Lula lá teve 82,56% dos votos. No entanto, o muro teria flores em qualquer um dos 58 municípios onde Lula ganhou, a maioria de lavada, como em Barreirinha, a terra de Thiago de Mello e das combativas irmãs Andrade, que lhe deu 91,39% dos votos. Mas Cláudio migrou de mala e cuia para Manaus, a fim de cursar a universidade. E Manaus, vocês sabem, é Manaus, né?

Na capital do Amazonas, Cláudio se formou em engenharia de pesca e administração, com ênfase em comércio exterior, fez concurso para a Caixa Econômica em 1988, constituiu família. Filiado ao PT

desde os 18 anos, militou no sindicato dos bancários e na Associação do Pessoal da Caixa Econômica Federal (APCEF). Portanto, o Muro do Lula foi erguido mesmo em Manaus, justamente um dos quatro municípios do Amazonas, no qual o Coiso ganhou. Foram 692.580 eleitores (61,28%), que talvez agradeciam, dessa forma, o deboche dos mortos asfixiados sem oxigênio e a campanha contra a vacina, que causava aids.

– *Porto de lenha, tu nunca serás Liverpool, com uma cara sardenta e olhos azuis* – cantam Torrinho, Aldísio e Natacha Fink se referindo à capital do Amazonas. É isso: 692.580 cabocos esfulepados e envergonhados de sua caboclitude, votam e se manifestam como se tivessem sardas, olhos azuis e muita grana. De qualquer forma, mesmo em Manaus, flores foram levadas ao Muro do Lula, afinal 437.691 (38,72%) eleitores sadios, inteligentes e grávidos de humanidade souberam escolher, com consciência de classe e de identidade.

O Muro do Lula continuará ainda por um bom tempo com mensagens políticas, algumas com temas internacionais. “*Na minha luta, gostaria de intensificar o pedido de libertação de Julian Assange, o jornalista australiano, editor do WikiLeaks*” – declarou Claudinho, a quem não conheço pessoalmente, mas cujas referências tenho através do meu vizinho de Aparecida, Eudimar Bandeira. Uma visita ao muro e um abraço solidário no seu autor será a primeira coisa que farei quando passar por Manaus, a caminho do exílio em Ponta do Arco ou em Barreirinha.



José Bessa Freire. – Professor universitário, escritor, cronista e gestor do blog <http://taquiprati.com.br/>, onde esta matéria foi publicada em 06.11.2022. Por limitações de espaço, as referências citadas pelo professor Bessa encontram-se registradas apenas na publicação original. O professor Bessa Freire é também membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri.



Foto: Ricardo Stuckert

LULA NA COP 27: PROTAGONISMO AMBIENTAL E DESMATAMENTO ZERO

Gilney Viana

A eleição de Lula presidente da República pela terceira vez significa para a maioria do povo brasileiro a possibilidade de reverter a crise econômica, social, política, cultural e ambiental que vive o país desde 2014 e superar essa condição de guerra continuada de uma minoria contra a maioria comandada pelos governantes durante o quadriênio 2019–2022.

Essa percepção parece permear as manifestações de lideranças internacionais em duas dimensões imediatas: pela oportunidade e contundência do reconhecimento da lisura do pleito e da vitória de Lula, condenando implícita ou explicitamente qualquer aventura golpista dos derrotados; e, sem maiores delongas, reintegrando Lula, e o Brasil sob a sua virtual direção, nas negociações globais sobre a emergência climática.

O convite para Lula participar da COP 27 no Egito, feito pelo governo daquele país, que preside a conferência, embora extraordinário, nos pareceu justificado, por duas razões: o sucesso do seu governo anterior na área ambiental que o credenciou como protagonista internacional e sua declaração solene de buscar, neste novo mandato, o desmatamento zero da Amazônia – fundamental para atingir e superar as metas nacionais de redução de CO₂e, assumidas no Acordo de Paris. Vejamos a dimensão deste desafio e a sugestão de estratégias para superá-lo.

DESMATAMENTO E AGROPECUÁRIA LIDERAM EMISSÕES BRASILEIRAS DE CO₂e

Segundo o Mapbiomas, a cobertura natural florestal e não florestal (basicamente, campestre, representando 9% do total) convertida em pastagens plantadas e agricultura no período de 1990 a 2021 soma 69,1 milhões de hectares, dos quais 39,4% em pastagens plantadas e 54,2% em agricultura (e ainda 6,06% para Silvicultura e mosaico de usos).

Esse desmatamento gerou diretamente 56,76% das emissões totais de CO₂e no período de 1990–2021 (Setor Mudança de Uso do Solo e Floresta) e, indiretamente, 22,13% das emissões totais do mesmo período (Setor Agropecuária).

Em relação às emissões indiretamente produzidas, explico. Cerca de 27,2 milhões desses 69,1 milhões desmatados foram transformados em pastagens para bovinos que,

pelos seus arrotos e dejetos, emitiram 73,1% do total de emissões do Setor Agropecuária; e os restantes 37,4 milhões de hectares ocupados pela agricultura geraram 26,9% de emissões, em função, basicamente, do manejo do solo.

Uma vista rápida da evolução das emissões neste período mostra que houve uma tendência a redução da participação relativa das emissões do setor Mudança do Uso do Solo e Floresta, atingindo seu menor percentual em 2009, quando do governo Lula, e voltando a se elevar no governo Bolsonaro, refletindo a política permissiva e leniente (também conhecida como “passar a boiada”) que possibilitou uma curva ascendente da taxa de desmatamento na Amazônia (com taxas anuais de desmatamento acima de 10.000 km², segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – INPE) e, por consequência, das emissões de CO₂e.

Emissões de CO₂e por Setor, em 1990, 2009 e 2021

SETOR	1990	2009	2021
Resíduos	1,48	3,96	3,76
Processos Industriais	2,58	4,44	4,45
Energia	9,47	19,95	17,93
Agropecuária	19,21	30,28	24,79
Mudança do Solo e Floresta	67,31	41,36	49,04

DESMATAMENTO ZERO, PROPOSTO PELO PRESIDENTE LULA

Em Carta Para o Brasil do Amanhã, datada de 27 de outubro de 2022, o então candidato Luiz Inácio Lula da Silva explicitou: “Nosso compromisso estratégico é buscar o desmatamento zero na Amazônia e emissão zero de gases do efeito estufa na matriz elétrica”.

Como vimos, o desmatamento da Floresta Amazônica contribui com quase 50% do total das emissões de CO₂e do Brasil. Sua redução em curto prazo ao zero absoluto exigiria uma moratória por alguns anos, o que seria ideal.

Ainda que se adote a meta de zero líquido (o que implica em só autorizar desmatamento de uma área se houver reflorestamento em outra área capaz de reter a mesma quantidade de CO₂e emitida, mesmo que não seja ao mesmo tempo) será significativo porque levará o país a cumprir as metas nacionais assumidas perante o Acordo de Paris e ultrapassá-las, tornando o Brasil credor em seu balanço de carbono.

Seja qual for a opção (zero absoluto ou zero relativo) a experiência histórica indica uma estratégia que combina três linhas de ação:

✓ Primeira, o incentivo às boas práticas de convivência com a floresta em pé, tanto aos grandes proprietários e empresários quanto à agricultura familiar e comunidades tradicionais;

✓ Segunda, ações coordenadas de comando e controle, envolvendo licenciamento, monitoramento, fiscalização e combate às ilegalidades e crimes ambientais; e,

✓ Terceira, a elevação para um novo patamar político-administrativo da gestão das Áreas Protegidas: Terras Indígenas, Unidades de Conservação e Territórios Quilombolas, que passa pelo reconhecimento, demarcação e registro e defesa de suas respectivas integridades e, o que é mais importante, o reconhecimento político do protagonismo dos povos indígenas e comunidades tradicionais.

Mas, para isso, é necessário que o novo governo implante desde o primeiro dia uma série de medidas dirigidas para viabilizar uma política nacional de mudança climática que supere a visão burocrática das experiências anteriores e destrave as amarras colocadas pelo governo

atual. Destacaria três blocos de medidas imediatas:

✓ Primeiro, reestruturar e reempoderar as instituições do Estado executoras da política ambiental (Ministério do Meio Ambiente, Ibama, ICMBio, Sisnama etc.), recuperando suas respectivas autonomias e colocando-as sob a direção de pessoas competentes e valorizando os seus quadros.

✓ Segundo, sem prejuízo do protagonismo do Ministério do Meio Ambiente, criar estruturas paralelas de coordenação de todos os ministérios e instituições para atuarem de forma convergente para o enfrentamento da emergência climática (incluindo parceria com governos estaduais, municipais e instituições privadas).

✓ Terceiro, reconhecer oficialmente que atravessamos uma situação de emergência climática que exige a combinação de medidas de curto, médio e longo prazos – e uma estratégia de conscientização e mobilização da sociedade para enfrentá-la. O desmatamento zero pode ser o começo... e não o fim.



Gilney Viana –
Ambientalista.
Professor
Universitário.
Escritor.





LULA É NOSSA VITÓRIA NOSSA MAIOR GLÓRIA

Maria Maia

*Não cansamos porque amamos
E sendo mulher como eu
Também geramos*

*E como os gerânios brotamos na
Primavera*

*Como de todas as flores
E todos os amores
A hora é agora*

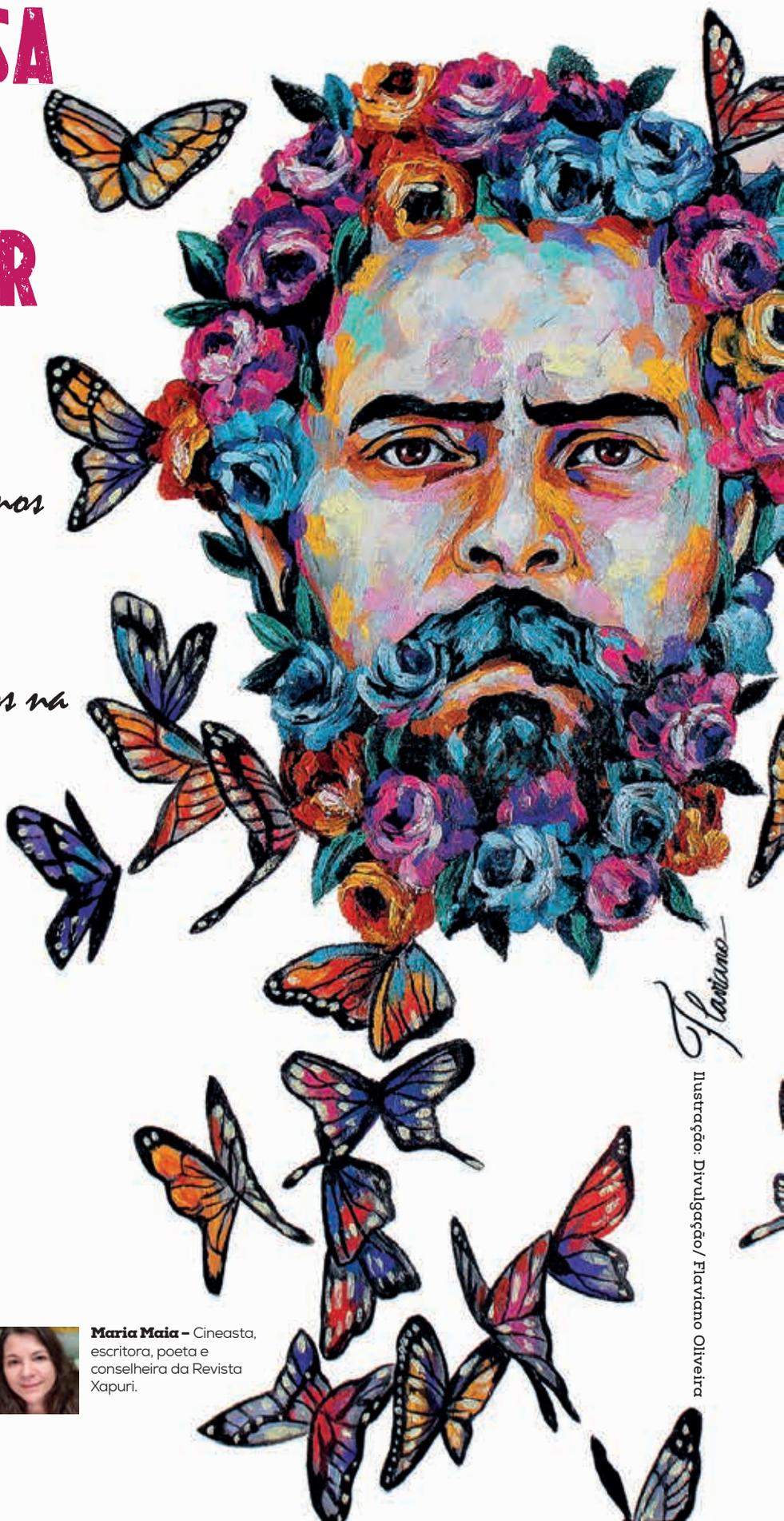
*Chega de espera
Chega de quimeras*

*A urna consagrou
O desejo do eleitor*

*Lula é nossa vitória
Nossa maior glória!*



Maria Maia – Cineasta,
escritora, poeta e
conselheira da Revista
Xapuri.



se é
pública
é para
todos

ELEIÇÃO DE LULA

ANUNCIA UMA NOVA ERA PARA OS BANCOS PÚBLICOS

Cleiton dos Santos

Os bancários dos bancos públicos receberam com grande alívio o resultado da eleição de 30 de outubro e com as primeiras declarações do presidente eleito. Luiz Inácio Lula da Silva deixou claro que pretende fortalecer o papel do Banco do Brasil, da Caixa Econômica Federal, do Banco da Amazônia, do BNDES e do Banco do Nordeste como instrumentos de fomento do crédito para o desenvolvimento econômico e social do país, e assim acabar com a fome e com a miséria e reduzir as gigantescas desigualdades que nos envergonham.

Será uma guinada radical em comparação com o governo atual, que vinha enfraquecendo os bancos públicos. Com a venda de subsidiárias da Caixa. Entre dezembro de 2018 e setembro de 2022, foram fechadas 1.933 agências e mais de 10 mil postos de trabalho no Banco do Brasil. O BNDES está paralisado. Tudo somado, houve redução drástica das operações de crédito e o financiamento de programas sociais estratégicos para combater a pobreza, gerar emprego e renda para a população.

Os bancos públicos já provaram sua importância estratégica na crise de 2008, quando os bancos privados empossaram o crédito e as instituições federais atuaram de maneira anticíclica, ampliando a concessão de crédito e reduzindo juros e spreads, reativando a economia. Como consequência, o Brasil atingiu

em 2014 a menor taxa de desemprego da História recente.

Os bancos públicos são responsáveis por 80% a 90% das operações de crédito nas regiões Sul, Centro-Oeste, Nordeste e Norte, enquanto os bancos privados concentram 70% de suas operações no Sudeste. Concentram as contas de poupança da população menos favorecida e aplicam na agricultura e financiamento imobiliário, levam renda emergencial, programas sociais e empréstimos às micro e pequenas empresas (PRO-NAMPE) de todo o Brasil

O Banco da Amazônia é responsável pelos investimentos do FNO (Fundo Constitucional de Desenvolvimento do Norte), responsáveis por 65% do crédito de fomento da região, dois terços dos quais aplicados em empreendimentos de pequeno porte em todos os 450 municípios da região Norte. Desses investimentos, 79% foram financiamentos de médio e longo prazo. O Fundo sustenta a operacionalização de seis programas de financiamento estratégicos para o desenvolvimento sustentável da região amazônica: o Pronaf, o Amazônia Rural, o Programa de Financiamento ao Microcrédito Produtivo Orientado, o Amazônia Empresarial, o Amazônia Fies e o Amazônia Infra.

Além de reativar os programas dizimados pelo atual governo, a plataforma do presidente eleito Lula anuncia que vai ainda em-

pregar os bancos públicos para pôr de pé dois projetos fundamentais. Um é o Desenrola Brasil, focado em renegociação de dívidas para auxiliar as famílias mais pobres com renda de até três salários mínimos (R\$ 3.636) para que possam renegociar as dívidas de contas de água, luz e outros serviços, redes de varejo e bancos.

Outro é programa Empreende Brasil, voltado para microempreendedores individuais, com oferta de linhas especiais de crédito para expandir ou abrir novos negócios, a juros baixos por meio dos bancos públicos.

Relatório produzido no início de novembro pelo Itaú BBA, um dos ícones do mercado financeiro, calcula que os bancos públicos têm condições de alocar R\$ 2 trilhões para investimentos em programas sociais, sem ferir os índices do Acordo da Basileia (relação entre o capital próprio dos bancos e o capital captado de terceiros).

A fome não pode esperar. O Brasil tem pressa, muita pressa, para erradicar a pobreza e as desigualdades. Os bancos públicos são um dos instrumentos estratégicos para esse salto no desenvolvimento do país.



Cleiton dos Santos - Presidente da Federação dos Bancários do Centro-Norte (Fetec-CUT/CN) e funcionário do Banco do Brasil.



FETEC CUT
Centro Norte



A CORRIDA DOS MUNDURUKU PARA VOTAR EM LULA: "A GENTE NÃO PODIA PERDER UM VOTO SEQUER, NEM UM VOTINHO"

Cícero Pedrosa Neto

"Aluguei dois ônibus fiado pra gente conseguir votar. A gente não podia perder um voto sequer, nem um votinho", conta a líder do povo Munduruku, Alessandra Korap Munduruku, sobre as dificuldades que precisou enfrentar para garantir que seus parentes votassem no domingo, 30 de outubro.

Apesar da alegria manifesta por conta da vitória nas eleições de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) – que prometeu acabar com as violações

de direitos aos povos e territórios indígenas no país –, Alessandra reclama das limitações impostas às 13 aldeias Munduruku, localizadas em Itaituba, no Baixo Amazonas, para conseguirem exercer o direito ao voto.

As aldeias se encontram a mais de 80 quilômetros do núcleo urbano da cidade e nenhuma urna eletrônica, segundo a líder, foi disponibilizada pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) nas Terras

Indígenas inscritas sobre o município. "O nosso maior sonho sempre foi tirar Bolsonaro do poder por conta de tudo o que ele fez contra nós, contra os povos indígenas, contra todos os povos da Amazônia e contra a natureza. Então eu tive que dar meu jeito", diz Alessandra.

Ela conseguiu fazer com que 200 pessoas chegassem aos seus colégios eleitorais no dia da eleição. Segundo ela, a prefeitura de Itaituba disponibilizou apenas



ESTUDANTES MUNDURUKU

Um desafio ainda maior foi enfrentado por Maria Leusa Kaba Munduruku. Liderança conhecida mundialmente pela luta em defesa de seu povo e estudante de direito na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), em Santarém, ela e mais 25 alunos Munduruku se viram desesperados quando o dia das eleições começou a se aproximar. Foi Maria Leusa que tomou para si a responsabilidade de resolver o problema, já que não conseguiram ajuda das prefeituras para se deslocarem até seu domicílio eleitoral, na cidade de Jacareacanga.

“Foi horrível, desde o primeiro turno foi um sacrifício para a gente conseguir chegar. Dessa vez foi ainda pior ainda com esse pessoal nas estradas, que não querem largar o poder. Por causa desse tipo de coisas que a gente fez de tudo para chegar em Jacareacanga e conseguir votar no Lula”, explica Maria Leusa, ela que foi uma vítima incontestada dos anos de Bolsonaro no poder. A líder conta que no primeiro turno das eleições a prefeitura de Jacareacanga arcou com o transporte dos indígenas, mas no segundo não se manifestou. A reportagem questionou a prefeitura de Jacareacanga sobre a não prestação do serviço aos indígenas, mas ainda não houve resposta.

A distância entre Santarém e Jacareacanga – onde estão outras 25 aldeias do povo Munduruku – é de cerca de 750 quilômetros a um custo de 20 mil reais de frete. Leusa conseguiu levantar fundos junto à Associação de Mulheres Indígenas Munduruku (Wakomborum) e, assim como Alessandra, conseguiu doações na internet por meio de uma vaquinha, que foi largamente compartilhada por amigos, ambientalistas e outros apoiadores que acompanham a trajetória de lutas de Maria Leusa.

Ela explica que transporte é uma das coisas mais caras que existem na região por conta das estradas precárias e da alta es-

um ônibus gratuito para atender a demanda das aldeias, o que nem de longe supriu a necessidade dos indígenas. Os outros dois ônibus alugados por Alessandra custaram oito mil reais no total, dinheiro que nem ela e nem os seus parentes tinham para pagar.

“Era um daqueles momentos em que ou você recua ou vai. Eu disse: ‘eu vou pra frente; eu vou, meu povo!’. Era o único momento que a gente tinha para tirar esse homem [Jair Bolsonaro] lá de cima”, orgulha-se a líder por ter contribuído para a derrota nas urnas do presidente em exercício.

Alessandra fez um apelo no Twitter pedindo apoio para pagar os dois ônibus. A publicação viralizou e pouco tempo depois ela já tinha conseguido levantar o valor suficiente para quitar a dívida. No dia seguinte ao voto, 1 de novembro, ela gravou um vídeo agradecendo pelas contribuições que recebeu: “Eu fiquei tão feliz, porque muita gente começou a ajudar. Davam de dez centavos, dez reais, cinquenta reais, cem reais... de cada centavo que foram doando a gente conseguiu pagar o transporte”.

“Essa vitória foi pelos povos que estão no sofrimento, chorando porque perdeu seu filho para uma draga [maquinário utilizado por garimpeiros para sugar o fundo dos rios em busca de ouro], por causa das drogas invadindo os territórios, pela prostituição estimulada pelo garimpo”, declara Alessandra sem esconder a emoção. “Isso alivia um pouco a gente. A gente está voltando a respirar um pouco, a sorrir; a gente voltou a se alegrar, a pular. E a luta continua, ela não acabou, não”. Em Itaituba, Jair Bolsonaro conquistou a maioria dos votos, 35.796 votos (62,45%), enquanto Lula obteve 21.526 (37,55%).

Apesar das determinações por transporte gratuito em todo o Brasil, muitos indígenas, quilombolas e ribeirinhos não conseguiram chegar aos seus locais de votação. Um dos exemplos disso ocorreu com os indígenas da TI Xingu, na cidade

de Querência em Mato Grosso, onde 600 indígenas foram impedidos de votar – fato reportado ainda no domingo (30) pela Amazônia Real.

A agência também acompanhou o drama enfrentado por quilombolas do Alto Acará, no nordeste paraense, no dia das eleições. Segundo relataram, por conta de valas cavadas pela indústria de óleo de palma Brasil Bio Fuel (BBF), na principal via de deslocamento das comunidades à cidade de Tomé-Açu, muitos deixaram de comparecer às urnas. A BBF nega as acusações.

“Para a gente tudo é difícil. Sempre é uma batalha para a gente conseguir nossos direitos. Nesse dia não foi diferente, mas nós vencemos”, reclama Alessandra.

A Amazônia Real questionou o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) sobre a não disponibilização de urnas eletrônicas nas aldeias dos Munduruku em Itaituba. O órgão respondeu que a 34ª Zona Eleitoral (ZÉ), que abrange os municípios de Itaituba, Aveiro e Trairão, “não recebeu requerimentos para formação de comissão de transporte dentro do prazo previsto na legislação”.

O TSE também informou que houve uma determinação do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Alexandre de Moraes, para liberar o transporte gratuito, mas que “isso ficou a cargo das prefeituras e governos do Estado”, não tendo, portanto, o tribunal e suas ZEs, gerência sobre o tema. A respeito da disponibilização de urnas eletrônicas nas aldeias Munduruku, em Itaituba, o órgão respondeu que ainda não houve nenhum pedido formal por parte dos indígenas para que esta demanda pudesse ser atendida.

A reportagem também procurou a prefeitura de Itaituba para saber os motivos que fizeram o governo municipal ofertar apenas um ônibus para os indígenas, considerando a demanda muito superior de votantes, mas ainda não houve resposta.

peculação gerada pelo garimpo ilegal de ouro, vastamente praticado ali – na maioria das vezes, violando os direitos originários dos Munduruku e contaminando o rio Tapajós de mercúrio.

Segundo Leusa, foi preciso conciliar o fim da semana de aulas na universidade, o trajeto de quase 48 horas até Jacareacanga, o dia das eleições e o retorno à Santarém – que só se deu na terça-feira e de barco, por conta dos atos antidemocráticos de bolsonaristas insatisfeitos com os resultados das eleições, que até hoje impedem a livre circulação em algumas rodovias federais e estaduais no Pará.

Aldilo Kaba Munduruku, recém-formado em Antropologia pela Ufopa, era um dos estudantes que compuseram o grupo que se deslocou até Jacareacanga para votar. Ele conta que ao chegar na cidade o grupo se dispersou e começou a “subir o rio de voadeira, cada um para sua aldeia”. Para isso, eles também precisaram pagar (cerca de 200 reais).

Diante do resultado das eleições, mesmo adoecido pelos dias de trânsito entre estradas e rios, Aldilo está feliz e sente que cumpriu uma tarefa importante. “Nós somos cidadãos também e a Constituição exige que a gente vote, assim como também é um direito nosso”.

Eleitor de Lula, ele contou à reportagem que uma das razões que o motivaram a votar foi pela melhoria das condições aos estudantes indígenas que, na sua maioria, precisam deixar suas aldeias para estudar em outras cidades. Nos últimos anos, com os cortes promovidos na educação e com o desinvestimento do governo em ciência e tecnologia, muitas bolsas de apoio a estudantes do ensino superior foram perdidas.

Com isso, os indígenas também foram prejudicados, pois perderam as condições materiais que garantiam suas estadas distantes das aldeias e dos seus modos de vida.

“Nesse governo de agora, a gente espera que tudo seja diferente, que a gente não passe fome nas cidades porque foi estudar na universidade, que a gente tenha incentivo, tenha bolsa de estudo e dignidade”, aspira Aldilo.

Como antropólogo, ele comenta os pontos que o fizeram distinguir em quem confiar seu voto e o entusiasmo para enfrentar as centenas de quilômetros de estrada de chão. “Os povos indígenas têm suas histórias, tem suas cosmologias, seus costumes, e o Lula se importa com isso. Por isso que todo mundo abraçou essa causa de correr para Jacareacanga para votar nele”.

“Tomara que esse presidente da Funai saia junto com ele, o Xavier [Marcelo Augusto Xavier da Silva], que ignorou todos os nossos direitos. Nós perdemos a presença das nossas lideranças na Funai. Nós passamos a não considerar mais a Funai como defensora”, resume revoltado Aldilo, referindo-se ao término do governo Bolsonaro em dezembro deste ano.

As eleições foram apertadas em Jacareacanga, mas, diferente de Itaituba, foi Lula quem conseguiu obter a maioria dos votos, 4.503 no total (53,07%) contra Bolsonaro, que recebeu 3.982 (46,93%) – uma diferença de apenas 521 votos entre os dois candidatos.

OS MUNDURUKU E BOLSONARO

Perseguida e ameaçada por garimpeiros e indígenas favoráveis ao garimpo, Leusa passou meses exilada depois de ter sua casa incendiada na aldeia Fazenda Tapajós. A casa da sua mãe e cacica Isaura Muo Munduruku também foi alvo do ataque, quando ambas perderam tudo. Ela e outras lideranças, como Alessandra Munduruku, são as principais vozes contra as violações de direitos humanos e ancestrais de seu povo.

“Foi um governo terrorista para nós, perdemos várias lideranças nossas para a Covid porque ele não deu vacina. Eu mesma fui uma

vítima dele, os garimpeiros atacaram a minha aldeia, perdi minha casa, tive que fugir”, lembra a líder Maria Leusa, que é presidente da Associação de Mulheres Indígenas Munduruku (Wakomborum), que também teve sua sede atacada em março de 2021.

“A gente não aguenta mais nenhum ano de Bolsonaro, foi um pesadelo muito grande para nós. Ele está adoecendo a gente com mercúrio, com toda doença que os garimpeiros dele levaram”, diz Leusa referindo-se às constantes incitações do presidente Bolsonaro à prática ilegal de garimpo de ouro na Amazônia, que atinge frontalmente o povo Munduruku e seus territórios. Estudos recentes da Fiocruz indicam que boa parte das aldeias, localizadas às margens do Rio Tapajós, foi contaminada com altas concentrações de mercúrio, um metal pesado altamente cancerígeno, proveniente do garimpo ilegal de ouro praticado nesta parte da Amazônia.

“Com a vitória do Lula o que a gente tem é a certeza que pelo menos vai ter diálogo, que vai ter gente disposta a ouvir o que a gente tem a dizer sobre nossas demandas e sobre os cuidados com a floresta”, indica Alessandra Munduruku.

Aldilo Munduruku demarca as diferenças entre o governo que termina e o que está por começar. “Ele [Lula] não fala palavrão para os povos indígenas, ele quer que os povos indígenas vivam do jeito deles. Porque os indígenas estão sendo massacrados pelo governo hoje em dia e o Lula não tem essa proposta de genocídio para nós. Ele é humano, ele não é um animal como esse outro [Jair Bolsonaro]”.



Cicero Pedrosa Neto – Repórter multimídia e colaborador da agência Amazônia Real (<https://amazoniareal.com.br/>), onde esta matéria foi publicada originalmente, desde 2018, atuando em temas relacionados ao meio-ambiente, impactos socioambientais da mineração, populações quilombolas, populações indígenas e conflitos agrários.



Lula

*“ A partir de agora,
se me prenderem, eu viro herói.
Se me matarem, viro mártir.
E se me deixarem solto,
viro presidente de novo. ”*

**EM 30 DE OUTUBRO DE 2022,
LULA VIROU PRESIDENTE DE NOVO.**



Aprendizado hoje, prática amanhã!

*Mês da Consciência Negra & 21 Dias de Ativismo
pelo Fim da Violência contra as Mulheres*

Novembro é o mês do Dia da Consciência Negra e da campanha 21 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência Contra as Mulheres. As duas lutas são estruturais para se formar uma sociedade justa e democrática. E as escolas são determinantes para que essa construção seja feita.

A formação do pensamento crítico que deve pavimentar o ensino-aprendizado precisa ter como pressupostos a luta antirracista e pelo fim da violência de gênero. Conscientizar estudantes de que essas violências são mantidas para que uma minoria continue tendo privilégios é uma tarefa árdua, mas possível.

O processo para essa conscientização é contínuo e interseccional. Apresentar números, percentuais, condições, convenções; trazer à tona as muitas histórias de racismo e machismo que acontecem, também, dentro das escolas, é instigar crianças e adolescentes a refletirem sobre o mundo em que vivem para que elas possam construir algo melhor.

É por isso que o Sinpro-DF tem a luta antirracista e pelo direito de todas as mulheres no seu estatuto e na sua história. Neste ano, uma série de atividades são realizadas, sobretudo nas escolas, para fortalecer a voz das pessoas negras e de todas as mulheres. Afinal, aprendizado hoje, prática amanhã!

**Acesse o QRCode e saiba mais
sobre as ações do Sinpro-DF
neste mês de novembro**





SINPRO
SINDICATO DOS PROFESSORES
NO DISTRITO FEDERAL

Filial: CUT
ONTE
DF

43
ANOS



CUT
CN E

Centenário da SEMANA DE ARTE MODERNA





UM JUSTO ENTRE AS NAÇÕES

Leonardo Boff

Conheço um homem. Há mais de 40 anos. De onde ele veio? Veio da senzala existencial. É um nordestino, desdenhado pela elite do atraso que possui em seu DNA um covarde desprezo pelos pobres. É um filho da pobreza. Um sobrevivente da fome. Um pau de arara que, saído do agreste pernambucano, foi radicar-se com a mãe e os irmãos na periferia de São Paulo.

Toda a numerosa família vivia num puxadinho de um bar. Mas havia uma mãe que cumpria todas as funções de pai, de mãe, de educadora, de conselheira e de exemplo, dona LINDU. Soube educar toda a prole. A este homem lhe inculcou na cabeça e no coração: Nunca desista. Nunca roube. Nunca minta.

Esse imperativo ético marcou toda sua vida. Quando menino, trabalhando num pequeno mercado, morria de desejo de roubar um chiclete americano. Não havia o nacional. Mas quando estendia a mão, lembrava de dona Lindu: Não roubou o chiclete, como sempre se conteve.

Conheço um homem, este homem. Por um bom tempo foi totalmente despolitizado. O que lhe interessava era o futebol e o time de estimação, o Corinthians. Conseguiu fazer um curso de metalúrgico. Aprendeu por experiência, sem nada conhecer de Marx, o que era a plusvalia.

No começo, com a pouca experiência inicial, produziu tal e tal produto. Foi melhorando a ponto de, com mais destreza e rapidez, produzir mais e mais do mesmo produto. Mas o salário continua-

va o mesmo. Para quem ia o lucro do excedente de sua produção? Não para ele, mas para o patrão.

Nisso reside a mais-valia e o mecanismo de acumulação do empresário. Despertou para a injustiça feita aos trabalhadores. Tornou-se líder sindical. Enfrentou a ditadura militar. Foi preso. Solto, liberou a águia que escondia dentro de si. Emergiu seu carisma de líder. Sabia com honestidade negociar com os patrões na lógica do ganha-ganha.

E pensou: os poderosos governaram por todo o tempo de nossa história. Governaram só para eles. Nunca nos incluíram. Éramos carvão a ser queimado na produção de suas fábricas. Por que nós, trabalhadores que somos maioria, não podemos também governar o nosso país e governar até melhor, para todos, a começar pelos mais explorados e marginalizados?

Foi então que, junto com outros, fundou o Partido dos Trabalhadores (PT). Candidatou-se para governador e para presidente do país. Sempre perdeu. Mas nunca renunciou ao impulso interior, inspirado por sua mãe: nunca desista. Insistia em suas intervenções: devemos permitir que todos possam comer pelo menos três vezes ao dia, ter sua casinha com luz elétrica, poder se educar e mandar seus filhos e filhas para escolas de qualidade. Ter alegria de viver e de conviver.

E quis o Mistério de todas as coisas que ele, do andar de baixo, da marginalização e da exclusão chegasse ao poder central

do país. Pela primeira vez em nossa história, um condenado da Terra organizou, como presidente, uma política em que todos ganharam, inclusive os endinheirados, mas sobretudo aqueles que há dezenas de anos estavam no mapa da fome.

Não se ouviam mais os gritos caninos das crianças puxando a saia de suas mães, pedindo a comida que lhes faltava. Milhões foram incluídos na sociedade, milhares de pobres e de afrodescendentes, mediante cotas, puderam frequentar os cursos superiores. Indígenas, quilombolas, mulheres e outros de outra orientação sexual encontraram nele compreensão e defesa. Mais que matar a fome, devolveu-lhes dignidade humana.

Alguém se levanta, não sem certa arrogância e anuncia: "Deus me escolheu para salvar o país; está inscrito até no meu nome Messias". O outro apenas diz: "Agradeço a Deus por ter permitido que eu chegasse até aqui e poder dar comida a milhões de pessoas". Os discursos possuem tons diferentes: um coloca a ênfase num alegado chamamento divino, independentemente de seu esforço. O outro, lutou e se esforçou para cumprir esse propósito. E agradece a Deus, depois de muita luta e incansáveis sacrifícios.

O mundo a tudo acompanhou. Como presidente, os chefes de Estado disputavam ouvir suas experiências e conselhos. Emergiu como uma das maiores lideranças mundiais. Convidado a apoiar a guerra contra o Iraque, respondeu

sabiamente: “minha guerra não é contra um povo, é contra a fome e a miséria de milhões do meu país e da humanidade”.

Tudo o que é sadio pode ficar doente. Setores de seu governo foram acometidos pela doença da corrupção. Foram denunciados e punidos. Mas jamais se provou que este homem tirou algum proveito pessoal da corrupção em razão de sua condição de presidente.

Se há algo que o irrita profundamente é quando o chamam de ladrão. Onde está sua mansão? Onde estão suas contas bancárias no Brasil, no exterior ou em algum paraíso fiscal? Alguém pode apontá-lo sem mentir? Como candidato, sua vida foi vasculhada nos mínimos detalhes. Nada se encontrou. Nem um apartamento, no qual nunca morou, nem um sítio de um amigo que nunca lhe pertenceu. Vive num apartamento como qualquer cidadão que ocupou o cargo que ocupou, bom, mas modesto.

Conheço e testemunho a transparência, a honestidade e a inteireza deste homem. Disse-me algumas vezes: “você que fala a numerosos auditórios diga, em meu nome: jamais dei cinquenta centavos a alguém, jamais recebi cinquenta centavos de alguém. Nunca me apropriei de nada de ninguém. E se esse acusador continua a afirmar que sou ladrão, diga que é mentiroso. E se persistir a afirmá-lo, desafie-o a ir à justiça, mostrar as provas para me acusar de ladrão. Confirma, se fui pessoalmente ladrão, aceitarei o rigor da lei. Devolverei em dobro tudo o que falsamente teria roubado. Quero ser preso”.

Conheço um homem que suportou todo tipo de calúnia, de difamação e de humilhação. Sua esposa morreu de tristeza. Quando seu neto faleceu

precocemente, lhe criaram mil dificuldades para se despedir de seu ente querido. Quando partiu desse mundo o irmão mais velho que o tinha como pai, levaram-no para um curto velório, cercado de soldados armados como se conduzissem um perigoso celerado.

Invadiram sua casa sem prévio aviso. Vasculharam tudo, os colchões, e levaram até os brinquedos dos netos até hoje não devolvidos. Por fim, um juiz foi reconhecido pela Suprema Corte (STF) como parcial e, em razão disso, posteriormente os processos movidos contra ele foram invalidados.

O juiz corrupto e parcial o condenou “por um crime indeterminado”, coisa que não se encontra em nenhum código penal, nem do ancestral de Hamurabi, alguns milênios antes de nossa era. Por 580 dias foi mantido preso sob rigorosa vigilância. Podia ter resistido ou se refugiado em alguma embaixada. Não. Ficou junto de seu povo. Na prisão, revisou sua vida, os acertos e equívocos de seu governo, estudou em profundidade os aspectos principais de nosso país e da geopolítica mundial. Espiritualizou-se e saiu cheio de humanismo, de esperança e de determinação de trabalhar especialmente pelos pobres.

Mas sua prisão teve uma consequência perversa: abriu caminho para presidente a uma figura sinistra, inimiga da vida e de seu povo, movida pela pulsão de morte e de ódio. Seu negacionismo e sua total ausência de empatia permitiu, impassível, a morte de pelo menos 300 mil pessoas pelo Coronavírus.

Veio a eleição. Seu adversário, que excele em ignorância, em brutalidade e com uma mente assassina usou todos os meios possíveis e impossíveis para derrotá-lo, desde a corrupção de um

bilionário orçamento secreto até todo o aparelho de Estado, dentro do qual funcionava “o gabinete do ódio”. Este difundia mentiras, Fake News, calúnias e obscenidades contra ele. Até o aparato policial do Estado foi acionado em favor de sua candidatura. Tudo em vão.

Venceu a sensatez contra a irracionalidade, a verdade contra a mentira, o amor contra o ódio. Ele foi proclamado presidente do país. Foi reconhecido pelas mais altas autoridades do país, do mundo, desde XI Jinping, Biden a Putin. Mesmo sem ser empossado, já foi convidado para a COP27 no Egito, para discutir o novo regime climático, e para Davos, onde os senhores das fortunas se reúnem para ouvir seu tipo de economia, já que a presente está agônica.

Conheço este homem, carismático, cordial, incapaz de ter ódio no coração e pronto a dialogar com todos. De sua boca ouvimos e de seu exemplo aprendemos que importa sempre defender a democracia, dar centralidade aos pobres, defender a Amazônia contra a voracidade do capital selvagem e buscar um mundo que seja bom para todos e que será. Como disse um presidente: “O mundo tem saudades deste homem”.

Ele merece a maior comenda que a tradição bíblico-judaica dá a um benemérito cidadão do mundo: ELE É UM JUSTO ENTRE AS NAÇÕES.

Eu conheço e testemunho um homem que, por sua vida, por seu exemplo e pelo cuidado de seu povo, tornou-se efetivamente um Justo entre as Nações.

Seu nome não precisa ser citado. O país o conhece. O mundo o reconhece.



Leonardo Boff – Ecoteólogo, filósofo, ex-professor de ética e membro da Iniciativa Internacional da Carta da Terra.



JANJA: A AMADA DE LULA

— Zezé Weiss

Ver Janja lado a lado, marcando presença amorosa na vida de Lula trouxe, pra nós militantes, um sopro inusitado de alegria e de esperança.

Ver Janja extrovertida, dançando e cantando nos atos de campanha ou dando notícias nas redes sociais dos dias felizes com seu amado, deu ao Brasil a certeza de que Lula encontrou, no amor de Janja, o seu porto seguro.

Ver Janja, socióloga e feminista engajada, colocando em pauta a defesa de direitos - das chamadas minorias, dos animais, das

pessoas em situação de rua, da equidade de gênero, da cultura e do meio ambiente, não tem preço.

Mas o bonito mesmo é ver Janja, militante filiada ao PT desde 1983, quando tinha 17 anos, beijar o Lula em público, limpar o suor do rosto dele, passar as páginas do discurso de vitória do presidente-eleito e, ainda assim, manter seu espaço político de militante engajada, compromissada com esse outro mundo possível, que acreditamos ainda ser possível.

Vai ser lindo ver Janja em Brasília, revirando os costumes

da caretece do poder, abrindo espaço para que mais mulheres se sintam empoderadas e colocando todo o seu poder de sedução para alavancar causas inadiáveis, como tirar o Brasil de novo do mapa da fome.

Boas-vindas a Brasília para Janja, a amada do Lula!

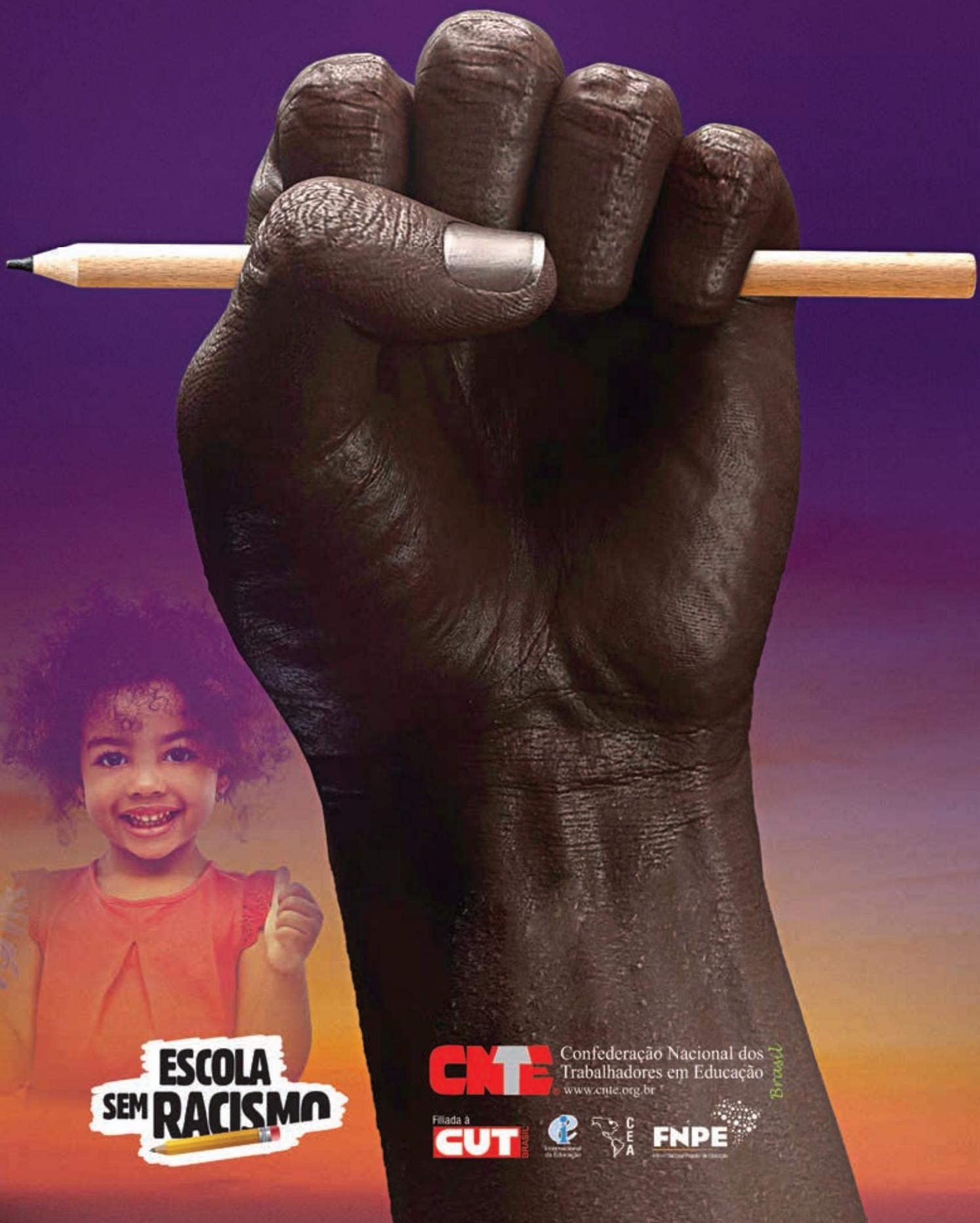


Zezé Weiss - Jornalista Socioambiental. Editora da Revista Xapuri.

20 DE NOVEMBRO
DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA

RECONTAR A HISTÓRIA PELA MEMÓRIA DA POPULAÇÃO NEGRA





**ESCOLA
SEM RACISMO**



Confederação Nacional dos
Trabalhadores em Educação
www.cnte.org.br

Brasil





XAPURI

CAMPANHA ASSINATURA SOLIDÁRIA

PRA XAPURI ACONTECER, NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ.

VENI COM A GENTE!

**REVISTA
IMPRESSA**

ANUAL

R\$ **360**^{,00}
12 EDIÇÕES

BIANUAL

R\$ **600**^{,00}
24 EDIÇÕES

ASSINE JÁ!

WWW.XAPURI.INFO/ASSINE

